

— BIBLIOTHECA DE ESTUDOS SOCIAES —
RUA SARAIVA DE CARVALHO, 296, 1.º
LISBOA

HENRIQUE MALATESTA

O QUE QUEREM OS ANARQUISTAS

Tradução do italiano por NENO VASCO

2.ª EDIÇÃO



1910

BIBLIOTHECA D'ESTUDOS SOCIAES

Rua Saraiva de Carvalho, 296, 1.º — LISBOA

HENRIQUE MALATESTA

O que querem os anarchistas

(DIALOGO ENTRE CAMPONEZES)

Traducção do italiano por **NENO VASCO**

2.ª EDIÇÃO

PREÇO 100 RÉIS

Editor — **Antonio Ernesto Dias da Silva**

COMPOSTO E IMPRESSO NA
TYPOGRAPHIA DO COMMERCIO

Rua da Oliveira, 10, ao Carmo

LISBOA

1910

O que querem os anarchistas

(Dialogo entre Camponezes)

José. — Ah, quem veja!... A proposito: ha tempo que desejava fallar-te e muito me alegra o nosso encontro, agora Jorge, Jorge! Como me penalizas! Quando estavas na aldeia eras um bom filho, o modelo dos rapazes da tua idade! Ah! Se teu pae fosse vivo!...

Jorge. — José, porque me falla assim? Que fiz eu para merecer as suas recriminações, e porque estaria meu pobre pae descontente comigo?

José. — Não pretendo offender-te com as minhas palavras, Jorge. Eu sou velho, e se te fallo é para teu bem. Mas, como era muito amigo do velho André, teu pae, ao vêr-te andar por maus caminhos sinto-o tanto como se fosses meu filho, mórmente quando recordo as esperanças que teu pae acalentava, pensando em ti, e os sacrificios que fez para deixar-te um nome sem mancha.

Jorge. — Mas que diz, José! Não serei porventura um homem honrado e trabalhador? Nunca fiz mal a alguém, pelo contrario, procuro realisar todo o bem que posso; porque de-veria, pois, meu pae envergonhar-se de mim? Faço quanto posso por instruir-me e melhorar a minha situação; busco, com meus companheiros, remedio para destruir os males que affligem toda a humanidade; meu querido José, diga-me, em que mereci as suas reprehensões?

José. — Ainda bem que tocas na ferida. Bem sei que trabalhas, que ajudas o proximo e és um moço honrado; assim o affirmam quantos te conhecem. Mas não deixa de ser verdadeiro o facto de teres estado na prisão algumas vezes; é certo que a policia não te perde de vista e que basta apresentar-se alguém a teu lado na rua, para correr o risco de soffrer algum desgosto. Quem sabe se n'este momento, apesar da minha honradez, me comprometto, estando junto de

ti... Apesar de tudo, porém, quero fallar-te porque te estimo. Jorge, escuta o conselho d'um velho; deixa esses senhores que não teem outros affazeres alem da politica que os occupa, pensa em trabalhar e fazer bem. D'este modo viverás tranquillo e na graça de Deus, e se assim não fizeres perderás a alma e o corpo. Acredita-me, deixa as más companhias que, não deves ignoral-o, nos transtornam a cabeça e fazem perversos os homens honrados.

Jorge. — Pode crêr-me, José, os meus companheiros são tão honestos como eu. O escasso bocado de pão que levam á bocca está embebido das suas lagrimas e do seu suor.

Deixe que os patrões digam mal de nós, posto que queiram sugar-nos até á ultima gôta de sangue, e não contentes com isso nos qualifiquem de canalhas, se não estamos conformes com o seu modo de proceder e tratamos de melhorar o nosso tristissimo estado e emancipar-nos d'uma iniqua tyrannia. Eu e os meus companheiros temos sido presos, é verdade, mas porquê? Por defender uma causa justa; e é provavel que tornemos a sê-lo, ou nos succeda coisa peor, mas será por querer destruir tanta injustiça e tanta miseria. Vm.^{co} que trabalhou toda a sua vida, tendo soffrido como nós fome e privações, que estando impossibilitado de trabalhar, não terá outro recurso senão morrer no hospital, não deverá unir-se com os senhores e o governo, para ir contra os que tratam de melhorar as miseras condições da classe trabalhadora.

José. — Meu filho, sei muito bem que o mundo marcha mal, mas querer mudar-lhe o rumo é tão difficil como pretender endireitar a arvore velha. Aceitemol-o, pois, tal qual é, e roguemos a Deus que não nos falte ao menos o pão de cada dia. Ricos e pobres, houve-os sempre, e nós, que nascemos para o trabalho, devemos trabalhar e contentar-nos com o que a Providencia nos concede emquanto a honra e a paz não soffram detrimento.

Jorge. — E vm.^{co} a dar-lhe com a honra! Os senhores depois de nos arrebatarem tudo, depois de nos obrigarem a trabalhar como bestas para moirer um pedaço de pão, emquanto elles, vivem do nosso suor, sem fazer nada de bom, na riqueza e na crapula, dizem-nos que para sermos honrados, devemos supportar voluntariamente a nossa situação e vêl-os engordar á nossa custa, sem que possamos respirar. E se por acaso lhes recordamos que somos homens e que aquelle que trabalha tem direito a comer, então, chamam-nos ladrões, a policia leva-nos para a cadeia, e o padre abençoa estas infamias condemnando-nos ao inferno.

Permitta-me que lhe diga, a vm.^{ca} que é trabalhador e nunca explorou o sangue do seu semelhante, que os verdadeiros bandidos, a gente sem honra, são todos aquelles que vivem da exploração do proletario; que se apropriaram de tudo quanto o sol illumina, e que á força de vexar e opprimir o povo, o reduziram ao estado d'um rebanho de mansos cordeiros que se deixam pacificamente tosquear. Vm.^{ca} é então pelo lado d'aquelles que nos opprimem? Não basta o governo creado pelos ricos para defender os seus privilegios! Só falta que os nossos proprios irmãos, os trabalhadores, os pobres, marchem contra nós, porque queremos que todos tenham pão e liberdade!

Ah! se a miseria, a ignorancia forçada, o habito contraído em seculos de escravidão, não explicassem este facto doloroso, eu diria que quem não tem honra nem dignidade, são aquelles infelizes que servem de apoio aos exploradores da humanidade e nunca a nós, os que arriscamos a misera cõdea de pão e um resto de liberdade para chegar a uma era de bem-estar.

José. -- Sim, certamente, acabas de dizer boas coisas, mas não me farás comprehender que sem o temor de Deus se possa fazer alguma coisa boa.

Ouvi dizer ao nosso parochó que tu e os teus companheiros não passam d'uns excommungados; e o sr. Antonio, que estudou e lê diariamente as folhas, diz que vocês são uns doidos ou uns ladrões, porque querem comer e beber sem trabalhar, e em vez de realisarem o bem dos trabalhadores, impedem os senhores de regularem os negocios da melhor fórma possível.

Jorge. -- Se quizermos raciocinar, José, deixemos em paz Deus e os santos, porque o nome de Deus serve de pretexto e de commodidade a todos os que enganam e opprimem o seu semelhante. Os reis apregoam que Deus lhes outorgou o direito de reinar, e quando entre si disputam um paiz, pretendem ser enviados de Deus, que dá sempre razão ao que tem melhores armas e mais soldados. . .

O proprietario, o explorador, todos fallam de Deus, e seus representantes se dizem o padre catholico, o protestante, o juden e o turco: em nome de Deus se fazem guerras e cada qual trata de levar a agua ao seu moinho. Ninguem se lembra de prestar ouvido ao pobre; parece que Deus foi um mão-rôtas para os de cima. A nós, aos trabalhadores, condemnou ao trabalho e á miseria. Para elles, o paraizo n'este mundo e no outro; para nós, o inferno na terra e o paraizo no outro mundo, se nos conformarmos

com ser opprimidos e escravos n'este... e se houver lugar.

Em questões de consciencia não quero entrar; cada um tem a liberdade de pensar como julgue conveniente. Pela minha parte não creio em Deus nem nas historias que os padres contam, porque aquelles que as contam tem interesse em manter-nos na ignorancia, que lhes dá pingues beneficios; alem d'isso ha muitas religiões cujos ministros pretendem dizer a verdade, mas o certo é que nenhum dá provas do que afirma. Eu podia tambem inventar um montão de patranhas, dizendo que aquelle que não me acreditar será condemnado ao fogo eterno. Tratar-me-hiam de impostor; mas se eu tomasse ao meu cuidado uma creança e continuamente lhe ensinasse a mesma coisa sem que ninguem pudesse contradizer-me, ella quando fosse maior acreditaria em mim, como vocês no parcho e nas suas *verdades*. Em summa, *vm. cc.* é livre de acreditar no que melhor lhe pareça, mas não venha dizer-me que Deus quer que trabalhe e que passe fome; que os seus filhos vivam esqueleticos e enfermos por falta de pão e cuidados; e que suas filhas estejam expostas a serem amantes do seu orgulhoso patrão. Dir-lhe-hei então que o seu Deus é um assassino.

Se Deus existe, a sua vontade nunca a communicou a alguem. Pensemos, pois, em procurar n'este mundo o nosso bem e o de nossos semelhantes; no outro, se existisse Deus e fosse justo, decerto nos encontraríamos melhor tendo combatido pelo bem, do que se tivéssemos feito soffrer ou pelo menos consentido que se opprimam os homens, que, segundo diz o abbade, «todos são irmãos e filhos do mesmo Deus». Acredite-me, se hoje *vm. cc.* é pobre, Deus condemna-o ao trabalho e ao soffrimento; se amanhã, por qualquer meio, consegue alcançar uma fortuna, ainda que seja pelo processo mais criminoso, adquire o direito de não trabalhar, de passear de carro, de maltratar quem o serve e corromper moças solteiras... e Deus permite-lh'o como hoje o permite ao seu patrão.

José. — Bravo! Desde que aprendeste a ler e escrever e convives com os da cidade, estás um palrador capaz de embulhar um advogado, e a fallar a verdade, acabas de dizer coisas que me fizeram alguma impressão... Imagina tu que a minha filha Rosa está já uma moça feita e encontrou um bom rapaz que lhe quer muito; mas como tu sabes, somos pobres, e será preciso uma cama, enxoval de casa e algum dinheiro para abrir uma pequena officina ao noivo, que é serralheiro e anda morto por sahir das garras do seu

mestre, que o faz trabalhar por uma miseria, e conseguir meios de manter e educar a familia que procrear. Nem elle nem eu temos dinheiro. O meu patrão podia emprestar-me algum, na certeza de que eu lh'o restituiria pouco e pouco. Pois bem, acreditarás? Quando lhe fallei a este respeito, respondeu-me, encolhendo os hombros, que «das obras de caridade se encarregava o seu filho».

Procurei-o logo. Quando elle viu a Rosa, acariciou-lhe a face, e apenas soube do que se tratava, disse-nos que havia comprado um enxoval para outra mulher e que o dava á minha filha com a condição de ir ella buscá-lo... Ao dizer isto, brilhavam-lhe os olhos d'uma maneira tão extranha, que estive a ponto de commetter uma barbaridade. Oh! Se a minha Rosa!... Mas deixemos estas reflexões...

Estou velho e sei que n'este mundo ha muitos infames, o que não quer dizer que todos o sejamos... Dize-me: é verdade, sim ou não, que vocês querem apropriar-se dos bens que os ricos possuem?

Jorge. — Muito bem! agora sim! Quando quizer averiguar qualquer questão que interesse aos trabalhadores, não deve nunca dirigir-se aos senhores, que esses nunca lhe dirão a verdade, pelo motivo que ninguem atira pedras ao seu telhado. Se quer saber o que desejam os socialistas, pergunte-o a mim ou a meus companheiros e não ao padre ou ao sr. Antonio. Quando o padre lhe fallar d'estas coisas, pergunte-lhe porque é que vm.^{cd}, trabalhando, não pode comer sequer o que a sua natureza lhe reclama, recorrendo ao pão e agua, quando não falta, e elle que passa o dia sem nada fazer absolutamente, com um dedo dentro d'um livro meio aberto, engole bellos frangos assados, em companhia das suas *sobrinhas*: pergunte-lhe por que passa o tempo ao lado dos ricos e nunca o visita a não ser para o expoliar d'alguma coisa; porque dá razão aos patrões e á policia, e porque em vez de roubar á gente pobre o parco naco de pão que a ha de sustentar, com o pretexto d'umas rezas para o bem das almas dos defuntos, não trabalha para ajudar n'alguma coisa os seus viventes, desejando refastelar-se á custa dos mais? — Ao sr. Antonio, que é moço, robusto e instruido, que passa o tempo no café, no jogo e na secretaria da camara, diga-lhe que antes de fallar contra nós, acabe com essa vida de pandega e aprenda a conhecer o trabalho e a miseria.

José. — Com effeito tens muita razão e não posso contradizer-te; mas voltando á vacca fria: é verdade ou não que vocês pretendem a riqueza alheia?

Jorge. — Não é verdade; nós não queremos ser os possuidores de coisa alguma; mas sim que o povo adquira a propriedade dos ricos, para que posta em commum faça o bem de todos. Fazendo isto, o povo não roubará a fortuna aos que a possuem, mas entrará simplesmente na posse do que é seu.

José. — Como! Porventura a riqueza dos ricos é nossa?

Jorge. — Precisamente: é propriedade nossa, é propriedade de todos. Quem a deu a elles? Como foi adquirida? Que direito teem para apoderar-se d'ella e conservá-la?

José. — E' uma herança de seus antepassados.

Jorge. — E a esses quem a deu? Homens mais fortes e mais astutos poderam conseguir a posse de tudo quanto existe e obrigaram os mais fracos e ignorantes a trabalhar para elles. Não contentes com viver na opulencia, opprimindo com fome e privações a grande massa dos que soffrem, legaram a seus filhos as riquezas que usurparam, demandando toda a humanidade d'então em deante a ser escrava, os quais, enfraquecidos pela ociosidade e por poderem fazer o que querem sem dar contas a ninguem, se não tivessem tudo nas mãos, e quizessem agora tomá-lo á força como os seus avós, até nos fariam rir. Acha isto justo?

José. — Se se apoderaram da riqueza pela força, acho injusto. Mas elles dizem que a adquiriram pelo trabalho, e em consequencia d'isso, não acho bem que se lhes arranque o fructo das suas fadigas.

Jorge. — Sempre a mesma historia! Os que não trabalham e que nunca trabalharam, fallando sempre em nome do trabalho...

Diga-me agora como se produziu e quem produziu a terra, os metaes, o carvão de pedra e coisas semelhantes. Pois bem: todas estas coisas, quer tenham sido creadas por Deus, quer tenham sido obra espontanea da natureza, o certo é que todos nós, quando nascemos, já as encontrámos e portanto deveriam ser para toda a gente.

Que diria vm.^{ca}, se os proprietarios quizessem apoderar-se do ar que respiramos livremente, para sua nutrição, e nos dessem a nós muito pouco, e esse ainda viciado, obrigando-nos a pagar aquelle que a necessidade do organismo exigisse, á força de privações e de fadigas? A unica differença que existe entre a terra e o ar é que, com a primeira, facil foi aos seus possuidores encontrar meio de se apropriarem d'ella com exclusivo privilegio, emquanto que com o ar nada conseguiram. Se, comtudo, vissem qualquer probabilidade favoravel não hesitariam.

José.—E' verdade, isso me parece uma razão justissima; a terra e todas as coisas não as fez ninguem, deviam ser de todos... Mas nem tudo que existe, o encontrámos ao nascer, já feito e acabado.

Jorge.—Assim é; ha muitas coisas que o trabalho do homem produziu. A propria terra não teria valor algum, se não fosse removida e adubada pelo exforço humano. Por justa lei tudo isto devia pertencer a quem o produziu. Porque milagre se encontra então nas mãos de quem nada fez?

José.—Mas os ricos dizem que os antepassados trabalharam e economisaram.

Jorge.—O que elles devem dizer, é justamente o contrario: que os seus antepassados fizeram trabalhar os outros sem recompensarem as suas obras, tal qual hoje acontece.

A historia demonstra á evidencia como teem sido sempre miseraveis as condições dos trabalhadores. Quem trabalha sem explorar os seus semelhantes não pode fazer economias nem tão pouco conseguir um desafogo que lhe permita matar a fome sempre que ella o assalte. Veja os exemplos que tem á vista. Tudo o que os trabalhadores produzem continuamente, não vae, porventura, para as mãos dos patrões açambarcadores?

Hoje, qualquer individuo compra por baixo preço um pedaço de terra inculta e pantanosa, emprega em trabalhala homens a quem dá um misero salario, sufficiente apenas para não morrerem de fome, e fica-se pela cidade, disfructando os bellos gozos da folgança que lhe proporciona a riqueza.

Passados alguns annos aquelle pedaço inutil de terra converteu-se n'uma horta ou n'um jardim cem vezes mais valioso do que na sua origem. Os filhos do patrão que hão de herdar esse thesouro, pretenderão gozar os suores de seus paes; e os filhos dos que realmente se esfalfaram no labor e no soffrimento, continuarão como sempre a trabalhar e a soffrer. Que lhe parece?

José.—Se é verdade, como tu dizes, que o mundo sempre marchou como agora, não resta duvida alguma: aos patrões nada deveria pertencer propriamente.

Jorge.—Pois bem, pela minha parte quero admittir tudo que seja favoravel aos senhores. Supponhamos que os atuaes proprietarios são todos filhos de gente que trabalhou e economisou, e que os trabalhadores descendem de gente ociosa e perdularia.

Deve comprehender que o que agora lhe digo não passa de um absurdo inerivel. Todavia, admittindo-o deixará de ser por esse facto menos injusta a actual organisação social?

Se vm.^{ce} trabalha e eu apenas vivo na folgança, continuamente, é justo que soffra o peso da minha culposa maneira de proceder; mas não é justo que meus filhos, podendo ser bons trabalhadores, tenham de extenuar-se de fadiga e morrer de fome, para assegurar aos seus a ociosidade e a abundancia.

José. — Bellas verdades são essas e eu não posso refutal-as; mas dado o caso de que hoje os proprietarios teem em suas mãos as riquezas, devemos dar-lhes graças pois que sem elles não poderíamos viver.

Jorge. — Se elles possuem a riqueza, é porque a usurparam por meio da violencia, e augmentaram-n'a roubando o fructo do trabalho alheio. Mas hão de deixal-a assim como a adquiriram.

Até hoje todos os homens teem feito a guerra entre si. Procurando arrabatar o pão á bocca de cada um, teem posto em acção os meios mais brutaes para submetterem os seus semelhantes e servirem-se d'elles como bestas de carga. E', pois, tempo de acabarmos com isto. Com a guerra nada ganhámos; os seus resultados para humanidade teem sido a miseria, a escravidão e a prostituição e de quando em quando, sangrentos episodios de luctas e revoluções. Se, ao contrario do que succede, todos fossemos concordes, amando-nos e ajudando nos mutuamente, não teríamos tantos males a deplorar, não existiria esta desigualdade social, pois que não havendo oppressores e opprimidos, apenas buscaríamos a tranquillidade do viver. Bem sei que os ricos acostumados ao mando e a viver sem trabalhar, de nada querem saber sempre que se lhes falla na modificação do meio actual.

Se quizessem comprehender que o odio e o orgulho não devem existirem entre os homens e que todos nós devemos trabalhar, tanto melhor! Mas elles só querem continuar gosando o fructo das violencias e roubos dos seus antepassados: sabemos então o que nos resta fazer.

Pela força, apropriaram-se de tudo o que existe, pois pelo mesmo processo lh'o arrebataremos. Se nós, os trabalhadores, soubermos entender-nos não ha exercito que nos vença.

José. — E depois, sem os senhores como viveríamos? Quem nos daria trabalho?

Jorge. — Parece impossivel! Ninguem melhor do que vm.^{ce}, que semeia, ceifa e prepara o trigo, guardando na tulha o delicioso grão; que faz o vinho, o azeite e o queijo; ninguem melhor do que vm.^{ce}, repito, pôde responder a essa pergunta. E comtudo pergunta me como poderíamos viver sem os senhores? pergunte antes, como poderiam viver os patrões

senão fossemos nós, pobres imbecis, que trabalhamos no campo e na cidade, que pensamos em nutril-os, em vestil-os e... em ceder-lhes as nossas filhas para os seus prazeres!

Ha pouco desejava vm.^{cê}, dar graças aos patrões, por nos darem trabalho: não comprehende que elles vivem á custa das suas fadigas e que cada pedaço de comida que levam á bocca, foi roubado nos seus filhos? que cada presente feito ás esposas e ás amantes, representa a miseria, o frio e talvez a prostituição de nossas mulheres e de nossas filhas? Que produzem os ricos? Nada. Pois tudo o que consomem foi tirado aos trabalhadores. Imagine que amanhã todos os trabalhadores desapareciam: não sendo a terra cultivada morreriamos de fome; se desaparecessem os sapateiros não teriamos calçado; se outro tanto acontecesse com os pedreiros, não poderiam edificar-se casas; e assim successivamente. Por cada classe de trabalhadores que desaparecesse ficaria quebrado um ramo de produção e o homem ver-se-hia privado de objectos uteis e necessarios.

Mas, se desaparecessem os senhores, que prejuizo causaria o facto? Era como se desaparecessem os gafanhotos.

José.—Sim, é verdade, nós produzimos tudo, mas como havia eu de arranjar-me para produzir o trigo, visto que não tenho sementes, terra, animaes e adubo? Vamos, já t'õ disse ha pouco: temos de supportar á força o dominio dos patrões.

Jorge.— Em summa, vm.^{cê}, quer que nos entendamos, sim ou não? Parece-me ter-lhe já dito que necessitamos tirar aos patrões tudo o que sirva para o trabalho, e a existencia, como por exemplo: a terra, os instrumentos de trabalho, emfim, tudo. Não ignoro, que enquanto a terra e os instrumentos de trabalho pertencerem aos ricos, o trabalhador será um eterno escravo da miseria. Por isso, entenda-o bem, José, a nossa tarefa consiste em expropriar os senhores; e se o não fizermos, posso assegurar-lhe que o mundo jámais será modificado, no sentido da ordem.

José.— Tens razão, já o disseste. Como são coisas novas para mim, perco-me no meio d'ellas.

Desejaria que me explicasses uma coisa: que faríamos da propriedade dos ricos, uma vez possuidores d'ella? Dava-se um tanto a cada um? Rerpartia-se tudo entre todos?

Jorge.— Não; quando ouça dizer a alguem que nós queremos repartir ou coisa d'este theor, pode crer que quem lh'o diz é um ignorante ou um instrumento dos senhores.

José.— Então, nada comprehendo...

Jorge. — E comtudo nada mais facil. Oiga-me: Queremos que a vida se faça em commum. Partimos d'este principio: todos devemos trabalhar e viver o melhor possivel. N'este mundo, sem o trabalho não ha meio de vida, e se um individuo não trabalha vive como um parasita, á custa d'outrem, e isso é injusto e damnozo.

Note-se, quando digo todos devemos trabalhar, não incluo os impossibilitados e os velhos que devem ser mantidos pela sociedade, porque é um dever da humanidade poupar o soffrimento aos seus semelhantes. A velhos chegaremos todos se a morte não nos surprehender quando novos: tambem corrêmos o risco de ficarmos impossibilitados de um momento para o outro, bem como os nossos seres mais amados.

Muito bem; se vm.^ç pensar bem, verá que todas as riquezas, tudo quanto existe util ao homem, pode dividir-se em duas partes distinctas. Uma parte comprehende a terra, as machinas e todos os instrumentos de trabalho; o ferro, a madeira, a pedra, os meios de transporte, etc. A terra é indispensavel para trabalhar e deve ser posta em commum, porque serve como instrumento e materia de trabalho. Emquanto ao seu funcionamento, a occasião mostrará a melhor fórma de o realisar. Será, comtudo, preferivel o trabalho em commum porque d'esta maneira, com menos fadiga se produz mais. E' certo que o trabalho em commum será bem acolhido por todos, porque trabalhando cada um de per si, teriamos que renunciar ao auxilio das machinas que transformam o trabalho n'um exercicio agradavel e ligeiro; e quando os homens não tiverem necessidade de se diaputarem o pão que levam á bocca, não viverão como cães ou gatos, e acharão grande prazer, tendo tudo em commum. Em todo o caso, se um grupo quizesse trabalhar isoladamente, poderia fazê-lo á vontade. O essencial é que ninguem viva sem trabalhar, ou faça trabalhar os mais por sua conta; mas isto não acontecerá na sociedade futura, porque tendo todos direito, a tudo que seja util para a producção, ninguem quererá trabalhar por conta alheia.

A outra parte constitue o indispensavel para o sustento do ser humano: alimentos, vestuario e habitação.

D'essas riquezas, o que já existe deve ser considerado de posse commum, para que todos tomem o que lhes é necessario e possam assim chegar á colheita proxima e esperar que a industria elabore novos productos. Quanto aos productos obtidos depois da revolução, não havendo ja ociosos que vivam á custa das fadigas dos proletarios famintos, se-

rão distribuídos segundo a vontade dos trabalhadores de cada lugar. Se ahí quizerem trabalhar em commum e pôr em commum a producção, a sociedade funcionará muito melhor: então trataremos de aprefeiçoar a producção de tal maneira que todos possamos satisfazer as nossas necessidades de fôrma a assegurar a todos o maximo bem-estar, e está tudo prompto! Se não, calcula-se o que cada um produziu, para que cada um tenha direito á posse d'uma quantidade d'objectos equivalente ao seu trabalho. Seria isso muito difficil; para mim é mesmo impossivel. Mas isto quer dizer que, apenas comprehendidas as difficuldades da distribuição proporcional, accetarão todos com mais facilidade a ideia de pôr tudo em commum.

Em primeiro logar, convem que as materias de primeira necessidade, como alimentos, agua, habitação, etc, estejam garantidas a todos, independentemente da quantidade de productos que cada qual possa elaborar. Qualquer que seja o processo organisador, realisado de commum accordo, a herança não poderá existir, porque é injusto que dois seres quando nascem encontrem, um, todos os gozos prodigalisados pela natureza e organização social, o outro, fome e privações a que uma miseria soffrida o condemna; e embora se accetasse a ideia de ser cada um dono do que produziu e de poder portanto fazer economias por sua conta pessoal, á sua morte todas as economias voltariam á massa commum. . .

As creanças devem ser mantidas e instruídas a expensas da sociedade, para que possam attingir o maximo desenvolvimento e a maior capacidade possivel. Se assim não fosse não existiria o principio da justiça e da egualdade e seria violado o direito de cada um aos instrumentos de trabalho, porque a instrucção, a força phisica e moral, são, por assim dizer, os verdadeiros instrumentos de trabalho; e dar a todos a terra e as machinas, seria insufficiente, se não facultássemos a todos o estado de se servirem d'ellas da maneira mais proveitosa. . .

Relativamente á mulher, nada lhe direi, porque para nós deve ser igual ao homem, e quando dizemos homem, entendemos o ser humano sem distincção de sexos.

José — Estou conforme com a ideia de expropriar os ricos que roubaram e condemnaram á fome o povo trabalhador, mas se um individuo á força de trabalho economisasse algum dinheiro e comprasse com elle um pequeno campo ou abrisse uma tenda, com que direito iriam despojal-o do fructo do seu suor?

Jorge. — O que acaba de dizer é difficil de dar-se, porque

trabalhando, hoje que os capitalistas e o governo nos sugam o melhor dos productos, economias não as podemos fazer; estranho deveras que vm.^{cc} o ignore, visto que assiduamente trabalha ha tantos annos e está tão pobre como nasceu. Alem d'isso, já lhe di-se que todos temos direito á materia prima e aos instrumentos de trabalho, e portanto, se alguém possui um pequeno campo, logo que o amanha com seus proprios braços, não só o conservará, mas tambem poderá adquirir a semente e tudo o necessario para que da lavra lhe fique um solo fertil. Será melhor decerto que ponha tudo em commum, mas não é preciso obrigar ninguém, porque o proprio interesse aconselhará a todos o sistema da comunidade. Com a propriedade e o trabalho em commum, viveremos muito melhor do que trabalhando isolados, sobretudo por causa das machinas.

José. — As machinas! oxalá desaparecessem todas! São ellas que prejudicam os braços e tiram o pão á pobre gente. Sempre que aos nossos campos chega uma, o salario diminue e um consideravel numero de trabalhadores fica sem ter que fazer; a maioria vê-se obrigada a deixar a aldeia para não morrer de fome, e nas cidades deve ser ainda peor. Se não existissem as machinas, os senhores necessitariam maior numero de braços e nós passaríamos melhor.

Jorge. — Tem razão, José, em crer que as machinas são uma das causas da nossa horrivel miseria e falta de trabalho, mas isto acontece justamente assim, porque ellas são propriedade exclusiva dos patrões; se, pelo contrario, fossem propriedade de todos, seriam verdadeiramente uma das primordiais causas da felicidade humana, porque trabalhariam pelo descanço da humanidade. Com effeito, as machinas não fazem outra coisa senão substituir-nos, fazendo o trabalho com maior rapidez. Por meio d'ellas, o homem não necessitará trabalhar tantas horas para a satisfação plena das suas necessidades e não será obrigado a executar trabalhos penosos além do que as suas forças phisicas permitem. Isto é, se as machinas fossem applicadas a todos os ramos da producção e pertencessem a todos, com poucas horas de ligeiro e agradável labor haveria o sufficiente para satisfazer as exigencias do consumo, e todos teriam tempo de sobra para instruir se, a fim de cultivarem a sua intelligencia, em summa, para viver e gozar aproveitando todas as conquistas da sciencia e da civilisação.

Pois, José, lembre-se bem: não é mister destruir as machinas, o que convem é apoderarmo-nos d'ellas. Os ricos hão de defendel-as ou fazel-as defender contra quem queira apro-

priar-se d'ellas, como contra quem queira destruil-as. E tendo para um e outro caso, de empregar as mesmas forças e correr iguaes perigos, seria uma loucura destruil-as, podendo realisar-se a sua aquisição.

Diga-me, vm.^{ca} destruiria os trigos e as habitações, havendo um meio pratico de tornal-as uteis a todos? Decerto, não. Pois o mesmo faremos com as machinas, porque se ellas nas mãos dos proprietarios representam a miseria e a escravidão dos explorados, nas nossas constituirão elemento de riqueza e de liberdade.

José. — Mas para que fosse implantado esse processo de vida, seria preciso que todos trabalhassemos de bom grado, não é verdade?

Jorge. — Certamente.

José. — E se houver alguem que queira viver sem trabalhar? Olha que a fadiga é muito dura, nem aos cães agrada.

Jorge. — Vm.^{ca} confunde a sociedade presente com a futura, depois da revolução. A fadiga, nem aos cães agrada; mas, como se poderia passar dias inteiros sem fazer nada?

José. — Eu não, porque habituado á fadiga, quando não trabalho sinto formigueiros nas mãos; mas isto não quer dizer que outros não empregassem o tempo em passeata continua e na *bisca* das tabernas.

Jorge. — Hoje sim, mas depois da revolução nada d'isso acontecerá e a razão é simples: hoje o trabalho é durissimo, mal pago e desprezado. Aquelle que trabalha deve extenuar-se de cansaço, morrer de fome e ser tratado como uma besta. Quem trabalha não acalenta nenhuma esperança de bem-estar e sabe positivamente que a sua existencia ha de acabar ao abandono n'um hospital ou ir bater esphacelada nas grades d'um presidio; não pode manter a sua familia; não gosa uma unica delicia na vida e soffre continuamente maus tratos e humilhações. Quem não trabalha gosa tudo o que quer; é apreciado e estimado; todas as honras e diversões lhe pertencem. Alem d'isso, entre os proprios operarios, acontece que quem trabalha menos, executando os mais faceis trabalhos, percebe mais salario do que aquelles que se esfaldam em insupportaveis misteres. Que admiração, pois, que os homens trabalhem descontentes, e se recusem a trabalhar?

Quando o trabalho seja feito em condições mais humanas, empregando um tempo curto e razoavel com o auxilio poderoso das machinas; quando o trabalhador saiba que trabalha para seu bem e para o de seus semelhantes, sendo isso condição unica e indispensavel para ser apreciado pela sociedade e o pandego e esturdio votado ao publico

desprezo como hoje o são os espíões e rufiões, quem quererá renunciar á gloria de ser util e amado, para viver n'uma ociosidade torpe, que será prejudicial physica e moralmente?

Hoje mesmo, á parte raras excepções, todos sentem uma invencivel repugnancia por desempenhar o repellente papel de espião ou de rufião, apesar de serem em estes officios mais bem pagos que o de cavador, sem tanto trabalho e sempre protegido pela auctoridade que o paga. Mas é um officio infame, signal de profunda abjecção moral, e quasi todos preferem a miseria á infamia. Ha contudo homens fracos e corruptos que preferem a infamia á miseria. Quem escolheria uma vida de torpezas, quando pelo trabalho pode assegurar-se o bem-estar e a estima de todos? Se o facto se desse, seria tão contrario á indole do homem, que deveria ser considerado como uma loucura e como tal cuidadosamente tratado.

Não duvide, José: o protesto publico contra a preguiça não faltará, por certo, visto que consideramos o trabalho como a primeira necessidade do meio social; o ocioso não só prejudica a todos, vivendo a expensas do producto alheio, sem contribuir com esforço algum para o bem da sociedade, mas constituiria um elemento de discordia no viver calmo de toda a gente e daria alentos a um partido de descontentes que poderiam criminosamente desejar a ordem de coisas, instituida antes da revolução. As collectividades são como os individuos: amam e enaltecem o que julgam util e detestam com desprezo o que sabem ser prejudicial.

Podem enganar-se, como acontece a meudo; mas em tal caso não haverá equivoco, pois é evidente que quem não trabalha, come e bebe á custa d'outrem e faz mal a todos.

Uma hypothese: vm.^{ca} associa-se com outro para realizar um determinado trabalho em commum, indo depois dividir o producto em partes iguaes. Vm.^{ca}, bem como os seus companheiros guardarão certa condescendencia para com os fracos e inexperientes; mas com os preguiçosos, os que podem trabalhar e não querem, procederão decerto por fórma bem differente: não os consentirão junto de vocês e exhortal-os-hão a que empreguem a sua actividade no trabalho. Outro tanto acontecerá na sociedade futura, quando a ociosidade de alguns causasse um sensivel prejuizo a todos.

E depois, no fim de contas, quando os ociosos constituissem um embaraço serio, o que me parece impossivel, haveria um remedio: a communidade não os manteria, e

assim, só com o direito á materia prima e aos instrumentos de trabalho teriam que trabalhar.

José.—Homem, começa a persuadir-me. Dize : deveriam dedicar-se todos os homens ao trabalho da terra ?

Jorge.—Para qué ? O homem não necessita só de pão, vinho e carne, pois que são precisos tambem habitação, vestuario, caminhos, livros, etc., emfim, tudo o que os trabalhadores produzem, posto que ninguem possa fornecer-se por si mesmo de tudo quanto necessita.

E ainda que quizesse trabalhar no campo, unicamente, não teria precisão do ferreiro e do carpinteiro para lhe fabricar os utensilios, do mineiro que extrahê o ferro das entranhas da terra, do pedreiro para lhe edificar os armazens, os celleiros, e assim successivamente ? Não haverá absoluta necessidade de todos trabalharem a terra, mas sim de se dedicarem a trabalhos uteis.

A variedade dos officios estabelecerá a escolha livre do mais adequado ás inclinações de cada um, e d'este modo o trabalho não será para o homem mais do que um exercicio util, um passatempo higienico.

José.—Cada um será livre d'escolher o officio que quizer ?

Jorge.—Justamente ; trabalhando então em beneficio de todos, será mister produzir tudo o que nos faça falta, conciliando tanto quanto possivel o interesse geral com a predilecção individual.

Verá como tudo se arranjará bem, quando não houver já patrões, que nos fazem trabalhar por uma côdea, sem saber para qué nem para quem.

José.—Tu dizes que se estabelecerá uma harmonia no viver de todos, mas eu creio que ninguem ha de querer desempenhar officios penosos e todos desejarão ser advogados ou medicos. Quem ha de então lavrar os campos ? Quem irá expôr a sua vida nas galerias d'uma mina ? ou carregar estreme ?

Jorge.—Quanto a advogados, ponha *isso* de parte ; elles e os padres constituem uma gangrena social que a grande Revolução ha de sanear.

Fallemos, pois, dos officios uteis e não d'aquelles que prejudicam toda a gente ; se não, é até trabalhador o salteador de estrada, que muitas vezes passa por grandes sofrimentos.

Hoje preferimos um officio a outro, não porque seja mais ou menos adequado ás nossas faculdades, mais ou menos correspondente ás nossas inclinações, mas sim pela facilidade da sua aprendizagem, porque ganhamos ou espe-

ramos ganhar mais e albergamos a esperança de mais facilmente encontrarmos trabalho, e é ponto secundario o facto de tal ou tal officio ser menos pesado que os outros. A escolha é-nos sobretudo imposta pelo nascimento, pelo acaso e pelos preconceitos sociaes.

Por exemplo: o officio de lavrador é tal que nenhum cidadão se dedicaria a elle ainda que o ameaçasse a fome; no entanto, a agricultura nada tem em si de repugnante, nem a vida do campo é isempta de prazeres. Pelo contrario, lendo os poetas, encontra-os-ha cheios de enthusiasmo pela vida campestre. Mas a verdade é que os poetas que assim escrevem nunca lavraram a terra, e os que o fazem morrem de fome e de fadiga, vivem peor que bestas e são considerados como tal. Tanto assim que o ultimo vagabundo da cidade se julga offendido se lhe chamam camponez.

Como quer que trabalhemos na terra, com gosto? Nós, que n'este ambiente nascemos, fugimos d'elle apenas encontramos oportunidade, porque qualquer que seja o novo officio industrial que nos ocupe estamos melhor e somos mais respeitados. Mas quem d'entre nós abandonaria os campos se trabalhasse por conta propria e encontrasse n'esse mister, o bem-estar, a liberdade e o respeito?

Outro tanto succede com os outros officios, pois que o mundo hoje é feito assim: quanto mais necessario e penoso é um trabalho, menos recompensado, respeitado e feito em boas condições o vemos. Se entrar n'uma officina de joalheria verá que em confronto com as miseraveis pocilgas que habitamos, o local é limpo e ventilado, não faltando estufa para o aquecer no inverno; o trabalho quotidiano ahi effectuado não é tão violento e rude como o nosso, e esses operarios apesar de mal retribuidos, porque o patrão lhes tira a parte essencial do seu producto, são todavia mais bem pagos e respeitados do que os outros trabalhadores. A' noite, depois de despida a *blouse* do *atelier*, podem ir onde muito bem lhes parecer sem receio de que alguém os desconsidere.

Se pelo contrario descer a uma mina, verá infelizes seres humanos trabalhando debaixo da terra, respirando um ar pestilento, consumindo a sua vida em poucos annos por um salario irrisorio; se depois de terminado o seu peza-dissimo trabalho intentam apparecer nos locais onde os senhores passeiam, o desprezo e o escarneo obrigam-os a ausentar-se. Que admiração, pois, se alguém prefere o officio de joalheiro ao de mineiro?

Não lhe direi muitas coisas dos que teem unicamente por instrumento de trabalho a penna. Um individuo que talvez não rabisque mais que umas miscelaneas aqui e além roubadas, recebe um salario dez vezes maior que o de um camponez e é mais estimado do que um honrado trabalhador.

Por exemplo, os jornalistas trabalham em confortaveis e elegantes salões, enquanto os sapateiros se esfalfam em humida mansarda; os engenheiros, os medicos, os artistas e os professores que o burguezismo consagra, apenas conquistada, não importa como, a reputação que os guinda alto, vivem como grandes senhores, enquanto os pedreiros, enfermeiros e trabalhadores de todas as classes, incluindo medicos e artistas sem parentes ricos ou amigos influentes, litteratos desprotegidos e mestres de escolas elementares, morrem de fome ainda que rebentem trabalhando e se abracem n'uma febre de talento.

Com isto não quero dizer que sómente seja util o trabalho physico; pelo contrario o estado dá ao homem o meio poderoso de vencer os obstaculos que a natureza e o obscurantismo conservador oppõe á civilisação, e garante sempre em maior grau a liberdade e o bem-estar. Os medicos, engenheiros, professores e artistas são tão uteis á sociedade humana como os camponezes e os demais operarios. Ainda direi que todos os trabalhos que trazem á humanidade beneficios uteis e proveitosos, quer sejam manifestações d'arte quer de sciencia, sejam igualmente recompensados para que o trabalhador encontre ao realisal-os uma completa satisfação, e que os trabalhos intellectuaes que constituem de per si um prazer e dão ao homem uma grande superioridade sobre o que não trabalha com a intelligencia, devem ser accessiveis a todos, e não como hoje acontece, privilegio de um certo numero.

José.—Mas como tu dizes, se o trabalho intellectual é uma distracção e proporciona uma grande vantagem sobre os ignorantes, certo é que todos quererão estudar e eu sou um d'elles. Quem fará então os trabalhos manuaes?

Jorge.—Todos, porque todos ao mesmo tempo que cultivam a Sciencia ou a Arte devem tambem executar um trabalho manual: todos deverão trabalhar com a intelligencia e com os braços. Estas duas especies de trabalho, hoje divididas, longe de se odiarem amanhã, ajudam-se, porque o homem para obter um completo desenvolvimento necessita de fazer funcionar todos os seus órgãos. Quem tem a intelligencia mais desenvolvida e está habituado a

pensar, com mais facilidade fará um trabalho manual, e quem goza de boa saúde, ao fazer funcionar seus musculos em condições de hygiene, tem a intelligencia mais viva e penetrante. Necessarias, pois, as duas especies de trabalho, sendo uma mais agradável do que a outra e por isso mesmo preferivel, visto que por meio de ella o homem adquire consciencia e dignidade, não seria justo que uma parte da humanidade fosse condemnada ao embrutecimento do trabalho exclusivamente manual, para deixar a uns poucos o privilegio da sciencia, e por isso do comando; por consequencia deveremos todos trabalhar manual e intellectualmente e assim conseguiremos o fim alvejado.

José.—Tambem comprehendo isso, mas entre a variedade dos trabalhos materiaes, existirá sempre a differença entre os penosos e os ligeiros, os limpos e os sujos. Quem quererá por exemplo: ser mineiro ou despejar as latrinas?

Jorge.—Se soubesse, meu caro José, quantas invenções e estudos se fizeram e fazem diariamente, comprehenderia que hoje mesmo, se a organização do trabalho não dependesse dos que nada fazem e apenas tratam do seu bem-estar, sem que lhes importe a miseria dos trabalhadores, todos os officios manuaes se poderiam exercer de maneira a nada haver n'elles de repugnante, de nocivo e de fatigante. Por isto avaliará o que poderemos fazer de futuro, quando, tendo de trabalhar todos, os estudos e cuidados de todos forem applicados a reduzir o trabalho mais custoso e desagradavel, supprimindo as circumstancias que nos fazem hesitar sempre que seja preciso fazel-o, e acabarem de vez com a impossibilidade relativa d'alguns.

Por outro lado, ainda quando persistissem trabalhos mais difficeis que outros, estamos certos que seriam executados espontaneamente, porque sendo postos á disposição de todos as machinas e mais instrumentos de trabalho, o que até ahí fosse penoso seria então agradável. Devemos considerar que no homem, em condições de igualdade e fraternidade existe um sentimento elevado e generoso que o impulsiona a accometter as emprezas mais arriscadas, com satisfação propria: d'isto temos exemplos bastantes na historia da humanidade.

José.—Tens razão; mas se assim não acontecer, que se fará para que tudo caminhe bem?

Jorge.—Se apezar d'isso houvesse ainda um certo numero de trabalhos uteis que ninguem quizesse fazer por vontade propria, então dividiríamos entre todos a tarefa, de fórma a realisal-o em commum sem as repugnancias de principio; por exemplo, um dia no mez, uma semana no anno, ou ainda

d'outra fôrma, combinaríamos a maneira de levar a cabo a empreza.

Sendo evidente a necessidade d'um determinado trabalho, fique certo que n'um momento se encontra meio de effectual-o.

Não nos submettemos hoje em dia, ao atroz serviço militar, e não vamos combater gente que não conhecemos, que nenhum mal nos fez, e ainda nossos paes e irmãos que uma circumstancia qualquer fez contrarios? Não seria melhor trabalharmos para o bem de todos?

José. — Ouve, Jorge: sabes que já começa a convencer-me? Comtudo algumas coisas ha que não chego a comprehender, isto é, não percebo bem a expropriação dos proprietarios... não sei... mas... não se poderiam arranjar as coisas d'outra maneira?

Jorge. — Como quer então fazer? Enquanto a propriedade estiver nas mãos dos senhores, terão elles sempre o mando e apenas cuidarão dos seus interesses sem que lhes importe a nossa sorte, como vem succedendo desde que o mundo é mundo e se fundou a propriedade individual. E por que não quer convencer-se da necessidade de expropriarmos os possuidores d'ella? Julga talvez que isso seja injustiça ou uma má acção?

José. — Não, porque com o que me disseste agora parece-me que seria um acto justo; expropriando os senhores, recuperamos o sangue que nos teem sugado desde tantos seculos; e alem d'isso a expropriação não seria para nosso beneficio particular, mas sim para pôr tudo em commum e estarem todos bem, não é isto verdade?

Jorge. — Sem duvida; e se começar a vêr o fundo das coisas, observará que os proprios senhores ganham com isso. E' certo que deixarão d'exercer o mando, de ser orgulhosos e ociosos, terão de trabalhar; mas quando fôr feito com o auxilio das machinas, como ha pouco lhe disse, o trabalho será uma distracção util e agradável. Não vão á caça, hoje, os privilegiados? Não fazem corridas de cavallos e de toiros? Não se dedicam a jogos gymnasticos e a uma infinidade de exercicios que demonstram que o trabalho muscular é uma necessidade para todos os homens sãos e bem alimentados? Pois trata-se simplesmente de substituir os termos, isto é, de fazer para a produção o que hoje fazem por divertimento.

Quantas vantagens não traria aos ricos, o bem-estar geral e a progressiva civilisação? Um exemplo: os poucos senhores que vivem ahí, na villa, são ricos e passam uma vida de principes, enquanto as ruas estão cheias de im-

mundicies que tanto incommodam a elles como a nós, e isto pelas circumstancias horrosas em que se encontram as nossas mansardas, cheias de miasmas deleterios que misturados ás exhalações dos pantanos proximos, corrompem o ar, amontoam perigosos germens de epidemia nos detritos e lixo que dos casebres se varrem á rua, occasionando assim enfermidades terriveis. O cólera, a variola, as febres typhoides e outros flagellos que entre nós surgem e rapidamente se propagam, tambem os ferem sem olhar á distincção e cuidados do seu viver esplendido.

Como poderiam elles, com as suas riquezas privadas, sanear a povoação, melhorar as condições hygienicas e a illuminação das ruas? Como poderiam evitar a falsificação dos géneros de consumo? Como poderiam usufruir, apezar de ricos, dos progressos da sciencia e da industria? Tudo coizas que, sendo feitas com o concurso e os meios de todos, se fariam com extrema facilidade. E a sua propria vaidade como pode ficar satisfeita quando a sua roda se restringe a poucos? E isto sem contar o espectro vermelho d'uma revolução, o terror d'um assassinato, a possibilidade d'uma desgraça que condemne a familia á tortura negra da fome e da prostituição, desgraça a que nós estamos diariamente expostos.

Como vê, tirando aos ricos a propriedade, não os privamos de seus direitos; ao contrario, muito bem lhes fazemos. E' certo que os ricos não comprehendem isto e nunca o comprehenderão, porque querem mandar, cuidando que os pobres são feitos d'outra massa; mas que lhes havemos de fazer? Se não quizerem ceder por bem, peor para elles: hão de ceder por mal.

José.—Santas verdades essas, mas difficil me parece levar-as á pratica. Não poderiamos regular tudo, deixando a propriedade aos seus possuidores actuaes com a condição d'um augmento de salarios e d'um tratamento a que temos direito porque somos homens e não bestas? D'este modo poderiamos gradualmente economisar o que possivel fôsse, comprando com essas economias um terreno, e logo que todos fôsem proprietarios, estabelecer tudo em commum da maneira que disseste. Já ouvi isto a alguem. Achas justo?

Jorge.—Attenda, José. Para fazer tudo em boa paz, ha só um meio: é renunciarem os proprietarios de bom grado á sua propriedade; porque quando alguem dá uma coisa, não é preciso tirar-lh'a á força. Mas n'isso nem pensar, como sabe. Emquanto existir a propriedade individual, isto é, emquanto a terra, e tudo o mais, em vez de pertencer a

todos, pertencer a Pedro ou a Paulo, subsistirá a miseria e tudo irá de mal a peor.

Com a propriedade individual, cada um procura os seus interesses, e os proprietarios exploram quanto podem os seus operarios, e entre si criam odios e guerreiam-se.

Geralmente, cada qual procura vender as suas mercadorias pelo preço mais elevado, e os compradores, por seu lado, procuram adquiril-as por preço mais reduzido. Que acontece? Os proprietarios, os fabricantes e negociantes mais ricos, possuindo meios de fabricar e comprar em maior escala, munem-se de machinas para aproveitarem todas as condições favoraveis que o mercado apresenta, esperando o momento opportuno para vender, ainda que com prejuizo, com o fim de provocarem a liquidação e a fallencia dos proprietarios ou negociantes mais fracos. Isto acontece diariamente. Os fabricantes que trabalham sós, ou com reduzido numero de operarios, vêem-se obrigados, depois d'uma dolorosa lucta, a fechar as officinas e pedir trabalho ás grandes fabricas; outro tanto succede aos pequenos proprietarios que, não podendo pagar os impostos respectivos, vendem as suas propriedades aos mais ricos; e assim successivamente.

De modo que, se um proprietario tivesse sentimentos humanitarios e quizesse melhorar as condições dos seus trabalhadores não faria mais do que preparar a propria ruina.

Além d'isso, quando a fome persegue os trabalhadores, estes só teem recurso na concorrência entre si, e como ha mais braços disponiveis do que pedidos de producto (não porque o trabalho falte, mas porque os patrões não teem interesse em dar mais trabalho) os operarios têm que arrancar o pão da boca uns aos outros; e se um trabalha para ganhar dois, acha sempre quem queira trabalhar para ganhar um.

Esta triste situação faz com que cada passo no progresso, seja para nós uma desgraça. Inventam-se uma nova machina e n'um momento ficam sem trabalho um sem numero de operarios, que não recebendo salario não podem consumir; e assim tiram indirectamente o trabalho ainda a outros.

Na America cultivam-se grandes extensões de terreno que produzem trigo em abundancia, — mas os seus proprietarios, sem se preocuparem com as necessidades da população americana, mandam-n'o para a Europa afim de auferirem maiores lucros. Uma vez ahi, o preço do trigo diminue, mas com isso nada ganham os pobres, pois que, por outro lado, os proprietarios, não obtendo beneficios

com a produção local, diminuem o cultivo das terras menos férteis e assim fica um grande numero de lavradores sem occupação. O trigo custa pouco, é verdade; mas de que serve isso, se a gente pobre não ganha o sufficiente para compral-o?

José. — Ah! Agora comprehendo. Mas eu ouvi dizer que se impedia a importação de cereaes estrangeiros, o que me parecia uma injustiça, visto que os senhores queriam reduzir o povo á fome. Vejo agora que teem razão.

Jorge. — Não, não; n'esse caso os proprietarios, não tendo a concorrência estrangeira, venderiam os productos pelo preço que melhor lhes parecesse e...

José. — Então?

Jorge. — Já lh'o disse; é preciso pôr tudo em commum para o bem-estar geral. Então... quanto maior fôr o numero de productos, melhor. Se se inventam novas machinas, e por consequencia o fabrico augmenta, trabalharemos menos, o que será um grande beneficio; e se, por exemplo, n'um determinado paiz o trigo falta, mandar-lhe-hemos o que nos sobra; em troca, e lá nos enviarão os productos que tenham em abundancia.

José. — Mas dize .. não poderia fazer-se um accordo entre trabalhadores e patrões? Suppõe que elles proporcionavam terra e capital e nós o trabalho, deixando-lhes a terça parte do producto. Que te parece?

Jorge. — Em primeiro lugar tenho a dizer-lhe que se vm.^{os} está disposto a ceder a terça parte do producto de seus labores, não o estará o seu patrão a recebel-a. Forçoso seria recorrer a outros meios para que elle accitasse, e n'esse caso, tendo de empregar os mesmos meios, tanto no sentido de o obrigar a essa partilha, como no de uma expropriação que seria um acto de toda a justiça, por que razão não ir logo direito ao fim e repellir um systema que deixa subsistir a iniquidade e o parasitismo que impede o augmento da produção?

E, além d'isso, com que direito alguns homens que nada fazem, poderiam apropriar-se da terça parte do que os trabalhadores produzem? Ainda não é tudo: a somma total dos productos seria então inferior áquella que se poderia obter, porque com a propriedade e o trabalho individuaes e a falta d'uma organização racional, produz-se menos do que trabalhando em commum e para bem de todos. Assim acontece sempre. Um exemplo: trata-se de mover uma enorme pedra, cem homens isolados não poderão movel-a, nem mesmo todos juntos contrariando os seus esforços,

enquanto que tres ou quatro, de commum accordo, com alavancas, bastarão para levantar-a sem fatigar-se muito. Um homem só, talvez não fabrique um alfinete n'uma hora, ao passo que dez, unidos, fabricam n'um só dia muitos milhares.

Isto nos demonstra que a invenção das machinas obriga-nos a trabalhar em commum, para nos aproveitarmos dos beneficios de cada novo progresso.

A proposito, responderei a uma objecção que nos fazem muito a miudo.

Os economistas (gente comprada ou não, que pretende demonstrar, com a ostentação pedante do nome de sciencia, que os senhores têm o direito de viver á custa dos productores) e todos os sabios bem jantados e plenamente satisfeitos, dizem que se a miseria existe, é devido isso á escassez de productos e não ao infame privilegio da propriedade individual; que da miseria ninguem tem culpa, e portanto não é logico que nos revoltemos. Os padres mantem, docil, a grande massa com dizer que tal é a vontade de Deus, acrescentando os da economia que «é lei fatal da natureza».

Não deve crê-lo, José; é certo que hoje os productos da agricultura e da industria não seriam sufficientes para que pudessemos viver na abundancia, mas isto é culpa do actual sistema social, porque os proprietarios, não cuidam senão em fazer produzir o que lhes póde proporcionar pingues beneficios, destruindo productos a miudo para evitar a baixa de preços. Não repara vm.^{cs} que, quando dizem não haver trabalho acontece sempre ficarem muitas terras incultas e muitos operarios de braços cruzados? Como o explicam?

De certo lhe responderão que, ainda mesmo cultivando todas as terras, trabalhando todos os homens com o auxilio dos melhores instrumentos conhecidos, a miseria existirá sempre, porque sendo limitada a producção da terra e podendo os homens procriar um grande numero de filhos, chegar se-ia em breve a um ponto em que a producção dos generos alimenticios ficaria estacionaria, ao passo que a população cresceria indefinidamente, e com ella a carestia. Por isso aconselham, como melhor remedio contra os males sociaes, que os pobres não procriem ou que a fazel-o, seja em pequena escala.

Muito haveria que discutir relativamente a esse porvir tão distante. Ha quem sustente e com boas razões, que o augmento da população encontra um limite na natureza, sem que haja necessidade de recorrer a obstaculos artificiaes,

voluntarios ou não. Com o desenvolvimento das faculdades intellectuaes, com a emancipação da mulher e com o completo bem-estar, a necessidade genetica diminue. Estas questões não têm hoje importancia pratica, e nada têm que ver com as actuaes causas da miseria.

Hoje a questão não é de população, mas sim de organização social, e o remedio para não procrear é inefficaz para qualquer das muitas chagas sociaes. Nos paizes onde ha muita terra e pouca gente, sendo iguaes todas as outras condições, ha tanta miseria como naquelles em que ha muita gente, e até ás vezes mais. Actualmente a produção, apesar dos obstaculos derivados da propriedade privada, cresce com mais rapidez do que a população, e os estragos da miseria são devidos á abundancia de productos, relativamente aos meios escassos com que contam hoje os operarios para o consumo. E repare vm.^{cd} que os trabalhadores estão desoccupados, porque os armazens estão repletos de generos que elles produziram e que não encontram compradores. Na Europa as terras que eram cultivadas, pelo abandono converteram-se em bosques e matagaes fechados, porque ha cereaes em abundancia; os preços diminuem e os proprietarios como o cultivo das terras lhes não proporciona o apetecido interesse, pouco ou nada se lhes dá que aos camponeses falte trabalho e sustento.

Pois bem, em primeiro logar o que ha a fazer é tratar da organização social, cultivar todas as terras, organizar a produção e o consumo tendo em vista o interesse geral, deixar campo livre ao desenvolvimento de todos os progressos conseguidos e por conseguir, occupar a immensa superficie do mundo, em grande parte despovoada; e quando, apesar de todas as previsões optimistas, se visse, na realidade, que a população tende a um augmento consideravel, os homens d'então tratariam de procurar um limite á procreação. Só quando tudo fór de todos, soffrendo todos igualmente as consequencias da escassez de productos alimentares, é que os homens poderão impôr voluntariamente um limite, que nenhum poder humano seria capaz de impôr pela força.

Voltemos, porém, á questão da divisão do producto entre proprietarios e trabalhadores. Este systema, chamado *participação*, existiu já em varias regiões da Europa meridional e existe ainda um tanto na Toscana (Italia), onde vaes desaparecendo tambem pouco a pouco, porque aos proprietarios mais convém trazer operarios assalariados. Na actualidade, com as machinas, com a agricultura scien-

tifica e com a importação, é de absoluta necessidade para os proprietarios adoptar o cultivo em grande escala, tendo trabalhadores a salario. Se assim não fizerem ver-se-hão depreça arruinados pela concorrência.

Em conclusão, para não importunar-o mais, dir-lhe-hei que se continuar o systema actual, chegaremos ao seguinte resultado: como a propriedade se vae concentrando em poucas mãos, o trabalhador ver-se-ha reduzido á miseria pelas machinas e pelos methodos de producção rapida. Haverá uns poucos de individuos, donos do mundo, um reduzido numero de operarios applicados ao serviço das machinas, e os demais, lacaios e esbirros para defender a preciosissima vida dos senhores. A massa popular, ou morrerá de fome ou viverá pela *caridade*. De resto, isto mesmo hoje o vemos; a pequena propriedade desaparece, os operarios sem trabalho augmentam de numero, e os ricos, por medo ou compaixão d'esta horda temerosa de famintos, organisam as cosinhas economicas e outras obras chama-las de *beneficencia*.

Se o povo não quer ver-se reduzido a mendigar um prato de caldo ou uma côdea de pão ás portas dos capitalistas, como outr'ora á porta dos conventos, só tem um remedio: apropriar-se da terra e das machinas e trabalhar por conta propria.

José. — Não poderia o governo decretar boas leis, que obrigassem os ricos a não fazer soffrer a gente pobre e ter por ella a consideração que devem ao seu semelhante?

Jorge. — Tornamos á mesma. O governo é composto de individuos interessados n'este estado de coisas. Nunca decretariam leis contrarias aos seus interesses. Ponhamos de parte a ideia de governantes e governados, de ricos e pobres, porque bem deve comprehender que emquanto estas differenças existirem, os desprotegidos e os famintos apenas poderão levantar a voz por um momento, em tempo de rebellião, mas sempre os ricos acabarão por mandar. Portanto, se algum dia chegarmos a ser os mais fortes, não percamos a occasião, expropriemos o que constitue a opulencia d'esses senhores para que não voltem a escravisar-nos.

José. — Comprehando. Precisamos de fazer uma boa *republica*, para que todos os homens sejam eguaes, e então o que trabalhar poderá comer o que as necessidades do seu estomago exigirem, emquanto que o mandrião ficará a fazer cruces na bocca... Ah! Quanto sinto ser velho! Ditosos vocês, rapazes, que poderão ver esses tempos de felicidade!

Jorge. — Menos fogo, meu amigo, menos fogo. Creio que, por boa *republica* entende a revolução social, visto que *republica* nada significa do que *vm.*^{co} suppõe. E' um governo como todos os outros, com a unica differença que em vez de um rei ha um presidente. Não havendo rei, o governo é chamado *republica* ainda mesmo que haja inquisição, tortura e escravidão.

Tambem, se quizer uma *republica* tal como a pretendem os radicaes, á supressão do rei ajuntará o seguinte: em vez de duas Camaras, haverá uma só, a dos deputados, e o voto, em vez de ser patrimonio dos endinheirados, sel-o-ha de todos; o resto, como por exemplo a abolição do serviço militar, a redução nas contribuições, a separação da Igreja do Estado e a protecção á instrucção, são promessas mantidas... sempre mantidas pelos *senhores deputados*; e emquanto a promessas, hoje mesmo, quando algum ambicioso quer ser eleito, promette mundos e fundos, e uma vez logrado o seu intento, *se te vi, já me não lembro*...

Tudo palanfrorio. Emquanto houver ricos e pobres, sempre os primeiros terão o mando. Exista *republica* ou monarchia, os factos derivados da propriedade individual serão sempre os mesmos, isto é, regulando a concorrência as relações economicas, concentrar-se-ha a propriedade na mão d'uma minoria exploradora, as machinas substituirão os operarios, e a grande massa, como já lhe disse, ver-se-ha reduzida a morrer de fome ou a viver de esmolas. Isto, já hoje o vemos. Republicas, tem-n'as havido e ainda ha muitas; por esse facto, as condições dos proletarios tem melhorado?

José. — Como? Pois não dizem que *republica* é synonymo de egualdade?

Jorge. — Sim, dizem-n'o os republicanos, apoiados n'este raciocinio: «Em *republica*, os deputados que fazem as leis, são eleitos por todo o povo e portanto, quando este não está contente com elles, elege outros melhores, e tudo se arranjará de novo. Como, na realidade, hoje os pobres constituem a maioria, por esta fórma exercerão o mando».

E' o que elles dizem, mas succede precisamente o contrario. Os pobres, que, pelo facto de o serem, são ignorantes e supersticiosos, votam por quem lhes ordenam o abbade e o patrão, e sempre procederão d'esta fórma, emquanto não tiverem independência economica e plena consciencia de seus interesses.

Vm.^{co} e eu, que tivemos a boa sorte de ganhar um pouco mais que o strictamente necessario, e assim podemos in-

struir-nos um pouco, comprehendemos bem os nossos interesses, e o valor de affrontar a arbitrariedade dos patrões; não pôde outro tanto acontecer com a grande massa, enquanto subsistirem as condições actuaes. As improficuas luctas eleitoraes em nada correspondem á energia d'uma revolução, onde um homem de animo seguro e espirito intelligente vale por cem tímidos e arrasta após si uma multidão de individuos que por iniciativa pessoal seriam incapazes de revoltar-se. Em frente da urna o que vale é o numero, e enquanto houver padres, patrões e governos, a maioria será dos primeiros, que ameaçam com o inferno e promettem o paraizo; dos segundos, que dão e tiram o pão a quem lhes parece, e dos ultimos que dispõem do exercito para intimidar e dos empregos para corromper.

Esta é a verdade, e senão veja: hoje em dia, a maioria dos eleitores é pobre; elegem porventura d'entre elles quem os represente e defenda os seus interesses? Não elegem.

José. — Isso é assim: perguntam ao patrão por quem devem votar, e se não lhe obedecem são despedidos.

Jorge. — Como vê, nada temos a esperar do suffragio universal. O povo mandará sempre os seus senhores ao Parlamento, e estes procurarão mantel-o na ignorancia e na escravidão.

Para obter bons resultados só ha o meio que já apontei: expropriar os ricos e dar a terra ao povo. Quando este vir que tudo lhe pertence igualmente e que só a si compete procurar o bem-estar proprio, então saberá manter-se e aproveitar-se dos gozos que se lhe proporcionam.

José. — Os camponezes não entendem a republica tal como a explicas; mas agora comprehendo que o que nós outros consideramos boa republica, é o que vocês chamam socialismo; é uma confusão de nomes, mas que importa? O habito não faz o monge.

Jorge. — O que diz é perfeitamente justo; existe, contudo, um perigo terrivel. Se o povo continuar a acreditar na efficacia d'uns falsos remedios que lhe aconselham os interessados, quando chegar o dia da revolução, os republicanos, para o contentar proclamarão a republica, dizendo que todos podem voltar para suas casas e pensar na eleição de deputados, pois que tudo irá de vento em pôpa. O povo, credulo e ingenuo como sempre, abandonará as barricadas e deporá as armas; o desafôro da sua ira será uma alegria de cantos e festas, enquanto que os senhores se converterão em fieis cumpridores da lei: mettem o povo

no coração, distribuem dinheiro, vinho e coisas varias, e augmentam o salario aos operarios com o fim de convencer a massa popular no sentido do voto que os ha de eleger.

Pouco e pouco, uma vez acalmada a tempestade, irão organisando as forças necessarias para pôr um freio á impetuosidade do povo, no dia em que este reconhecer, com a indignação que o fará baldadamente protestar, que deram o seu sangue inutilmente e está peor que antes. Todavia, sendo raro o triumpho do povo nas revoltas que costuma fazer, preciso é que não deixe escapar a occasião, e estabeleça immediatamente o socialismo, sem ouvir promessas e lóas oratorias, entrando na posse directa da riqueza, occupando a terra, as casas, as officinas. Quem lhe fallar de republica quer fazer-lhe mal, é um inimigo. Parece que as palavras valem pouco, no entanto com ellas o povo tem sido sempre enganado,

José.—Tens razão. Tanto nos tem enganado, que é preciso abrir os olhos, d'esta vez. Mas para tudo funcionar bem será preciso um governo.

Jorge.—Um governo para quê? Não podemos cuidar nós mesmos, dos nossos interesses? Quem manda, procura a sua commodidade e, quer seja por ignorancia ou por malevolencia, atraiçoa o povo. O poder corrompe os cerebros mais sãos, e esta é a razão principal de não querermos chefe; é mister que os homens deixem de ser passivos instrumentos, e se habituem a considerar e a sentir com altivez a sua dignidade e a sua força. O mando de uns, produz a humilhação de outros; se tivéssemos *um bom governo*, seria mais nocivo do que o mais tyranno, e durante o seu dominio ou o de seus immediatos successores, seria mais facil para elles a infamia d'um golpe d'Estado que destruísse os melhoramentos conquistados, restabelecendo privilegios e tyrannias. Para educar o povo na liberdade e habitual-o á gerencia directa dos seus interesses, é necessario deixal-o obrar de per si e fazer-lhe sentir a responsabilidade de seus actos no bem ou no mal que d'elles deriva. Poderá enganar-se e proceder mal muitas vezes, mas pelas consequencias que d'ahi resultam, comprehenderá que se equivocou e então mudará de processos. Não esquecer que o damno occasionado por um povo abandonado a si mesmo, não é nem a millionessima parte do que occasiona o mais benigno dos governos. Para que uma creança aprenda a andar é preciso deixal-a marchar sósinha; as quedas não a assustarão.

José.—Sim, mas para que a creança esteja em disposi-

ção de andar, é preciso também que possua certa força nas pernas, do contrario terá de continuar nos braços maternos.

Jorge.—E' verdade, mas os governos não se assemelham, em nada, a uma mãe, pois que não melhoram nem fortalecem o povo, sendo bem certo que os progressos sociaes se realisam sempre a despeito dos obstaculos que elles oppõem.

O governo o mais que faz é traduzir em leis o que constitue a necessidade e vontade da massa popular, e corromper o principio que lh'as fez crear, pelo espirito de dominação e monopolio. Ha povos mais ou menos cultos, mas qualquer que seja o seu estado de civilisação cuidarão melhor dos seus interesses, livremente, do que um governo saído do seu seio. Suppõe v. m.^{co} ao que parece, que o governo é composto de homens intelligentes e capazes; eegana-se, porque geralmente os governos são formados, directamente ou por delegação, dos privilegiados da riqueza que só nos opprimem e escravizam.

E admittido mesmo a sua ingenua supposição, teriamos de observar que a atmospheria do poder corrompe os homens, ainda os mais extraordinariamente intelligentes e honestos.

Emquanto vivem no contacto do povo, procuram guial-o pelo caminho do Progresso; uma vez unidos á gente dos governos, não sentindo já as necessidades reaes da grande massa, arrastados pela mystificadora força parlamentar, desejam apenas sustentar-se no poder e nada lhes repugna então como processo authoritario. Instigado por um baixo estimulo de vis antagonistas e mesquinhas emulações, obrigados a legislar monstrosidades sobre coisas de que nunca tinham ouvido fallar, acabarão por julgar-se superiores ao resto das gentes, constituindo-se em casta, e só pensarão no pobre povo quando convenha sancionar a sua exploração e mantel-o humilhado.

Valia bem mais que nos encarregassemos nós mesmos do que constitue os nossos interesses, pondo-nos de grau em grau d'accordo com os trabalhadores do mundo inteiro. Todos os homens são irmãos e por esse facto hão de ter maior interesse em ajudar-se. Não lhe parece?

José.—Sim, estou persuadido; mas, que faremos dos ladrões, bandidos e outra gente perdida?

Jorge.—Deve saber que quando houverem desaparecido, a miseria, a propriedade individual e a ignorancia, causas geradoras do mal estar em que vivemos, toda essa desgraçada gente de que falla deixará também de existir. Os pouquissimos que podessem apparecer, consideral-os-

iamos como phenomenos pathologicos, sem necessidade d'um codigo ou d'uma policia que os submetesse a um castigo arbitrario e absurdo; nós mesmos bastariamos para guial-os a um bom caminho, procurando com modos rasoaveis, convencei-os do prejuizo que fazem á sociedade.

José.— De modo que quando o socialismo triumphar, todos seremos felizes e ditosos, e não haverá miseria, odios, prostituição, guerras e injustiças?

Jorge.— Eu não sei a que grau chegará a felicidade humana e difficil me parece saber-o, mas estou convencido de que todos gozaremos um completo bem-estar, porque os progressos que realizarmos não serão como hoje o beneficio d'uns poucos, mas de todos.

José.— Quando será isso? Estou velho, e comprehendendo que este mundo, ha de, sem duvida, melhorar, muito sentiria não poder ver um dia de justiça.

Jorge.— Quando será? Quem poderá fixar a data! Depende unicamente de nós a boa realisação das nossas aspirações. Quanto mais activa fôr a nossa propaganda, mais abreviaremos a chegada do venturoso dia.

Devo notar que temos já dado um grande passo. Alguns annos ha, os poucos propagandistas do socialismo eram acimados de ignorantes, doidos ou malvados, enquanto que hoje a idéa tem avassalado muitissimos cerebros: os desherdados que d'antes soffriam com resignação as suas penas, ou aguilhoados pela fome que implacavelmente os torturava se revoltavam em furia, sem conhecimento do remedio para os males que os affligiam, e entre si se chacinavam para gaudio e proveito dos seus senhores, não guardam hoje essa vergonhosa e degradante attitude d'outros tempos, e sabem o que teem a fazer. Os operarios de todo o mundo agitam-se, sublevam-se, com a idéa de se emanciparem por completo de toda a casta de monopolisadores; não contando senão com as suas proprias forças, comprehenderam que todos os partidos de côr politica, inclusivel o socialismo autoritario, são, por igual, seus inimigos. Mas urge activar a propaganda; estreitar as relações com os trabalhadores de todo o mundo sem preocupação de fronteiras e linguagem, e pôr termo a todas as luctas sangrentas; e agora que descobrimos o remedio que ha de acabar com os nossos males, aticemos o fogo que já começa a aquecer as massas; aproveitemos todos os movimentos; de-nos sem temor, um vigoroso impulso e, n'um momento a Bastilha da barbarie burgueza desabará n'um

abysmo, em tragica derrocada, e só a liberdade e o bem-estar imperarão no mundo.

José.—Perfeitamente; é facil imaginar a expropriação do rico e aconselhar a sua realisação, mas não ignoras que ha exercito, policia, cadeias, etc., etc. Comprehando agora que os presídios, grilhetas, canhões, emfim tudo o que serve de instrumento de martyrio para o povo, existe unicamente com o fim de preservar e garantir a tranquillidade dos senhores.

Jorge.—Até aqui não o tinha comprehendido assim? Parece-me não ser já coisa ignorada que o exercito e a policia existem para defender os privilegiados, mas creio ter-lhe dito já que não devemos fazer a revolução com as mãos nos bolsos. Por outro lado devemos considerar que os pobres constituem a immensa maioria e que se chegam a experimentar as vantagens do socialismo, não ha força capaz de fazel-os regressar á ordem actual de cousas. Não esqueça que os pobres sendo os verdadeiros agentes da producção, de tudo carecem, e que se uma parte importante dos miseros trabalhadores, suspendessem o trabalho, semeariam tal panico que a revolução seria a unica solução possivel do problema da fome. Lembre-se tambem de que o exercito é composto de jovens proletarios obrigados pela força e pela necessidade a serem os verdugos de seus paes e de seus irmãos sob as severissimas ordens dos seus superiores profissionaes, e que apenas comprehendam que a nossa causa é tambem a sua, fraternisarão com o povo e a revolução não será tão difficil como á primeira vista parece.

O essencial é ter sempre presente que a revolução é necessaria, e que devemos estar de continuo dispostos a levar-a a cabo, pois que a occasião, espontanea ou provocada, não faltará.

José.—Tens razão. No entanto ha quem diga que a revolução não serve para nada. Que te parece?

Jorge.—Deve saber que, desde que o socialismo ganhou força e os burguezes principiaram a receal-o, teem estes intentado todos os meios de desviar a tempestade que os ameaça, declarando-se socialistas até os imperadores... Imagine que tal será a escola social por elles adoptada!

Das nossas fileiras teem sahido traidores, homens que ofuscados pela importancia que os burguezes lhes davam com o fim de os attrahirem, e pensando nas vantagens que advêm do abandono da causa revolucionaria, se dedicam á propaganda dos meios legaes — eleições, fusão com os

partidos que anteriormente haviam combatido e uma infinidade de palliativos, com o objecto de garantirem um logar entre a burguezia, e acoimam de loucos e malvados os partidarios da revolução. Outros vão dizendo que a querem; todavia... querem ser eleitos deputados!...

Quando alguém lhe disser que a revolução não é necessaria e lhe fallar de deputados, vereadores, etc., ou de fazer causa commum com uma fracção qualquer da burguezia, se fôr um companheiro seu, que trabalha e soffre como vm.^{os}, procure convence-lo do erro em que labora: se, pelo contrario, se tratar d'um burguez ou d'um individuo que aspira a sel-o, considere-o como um perigoso inimigo, porque o é.

E basta por hoje; n'outra occasião reataremos o fio d'esta conversa. Passe muito bem.

José.— Espera, vamos molhar a palavra e far-te-hei algumas perguntas mais.

Tudo quanto me dissestes, fiquei-o comprehendendo bem, comtudo não me explicaste nenhuma das palavras que tenho ouvido sempre que se trata d'este assumpto. Por exemplo, oiço dizer-vos que sois *communistas*, *socialistas*, *internacionalistas*, *collectivistas*, *libertarios*, eu sei lá o quê! Pode saber-se com precisão o que significam estes termos que me confundem?

Jorge.— Fez bem em perguntar-m'o, porque as palavras servem para nos entendermos e distinguirmos, e quando não são bem interpretadas, originam uma grande confusão.

Deve saber que *socialistas* são os que entendem que a miseria é a causa primordial de todos os males sociaes e que sem a destruir, não podem acabar a ignorancia, a escravidão, a desigualdade social, a prostituição, ou qualquer dos males que mantem o povo na horrivel situação em que se encontra.

Os *socialistas* entendem que a miseria é determinada pelo facto de se encontrarem na mão d'um reduzido numero de individuos, a terra e todas as materias primas, as machinas e demaes instrumentos de trabalho; esses individuos que constituem a burguezia, aproveitando-se d'esta desigualdade, dispõem da vida e da morte da classe trabalhadora e encontram-se n'um continuo estado de lucta não só com o prolectariado mas tambem entre si, pela disputa feroz da propriedade.

Os *socialistas* entendem que é forçoso abolir a propriedade e organizar a distribuição da producção no interesse de todos, fazendo tabua rasa de todos os direitos e privile-

gios, que se dizem conquistados, e que os burguezes se arrogam, affirmando que os seus avós foram mais laboriosos e henestos que ninguem.

Como vê, o nome de *socialista* designa todos os que querem que a riqueza social sirva para todos os homens, e que não haja proprietarios e proletarios, ricos e pobres, burguezes e assalariados.

Ha alguns annos, bastava qualquer individuo declarar-se *socialista* para ser perseguido e odiado pelos burguezes, que prefeririam cem vezes um milhão de assassinos a um só *socialista*. Todavia quando os senhores e os que aspiravam a sel-o, comprehenderam que apesar de todas as calumnias e perseguições, o *socialismo* ganhava terreno entre as massas, trataram desde logo de aproveitar as circumstancias e complicar o assumpto: com este proposito principiarão a chamar-se *socialistas*, acrescentando tambem que desejavam o bem-estar do povo e que julgavam conveniente destruir ou *diminuir* a miseria. Em epochas anteriores diziam que a questão social, isto é, a questão da miseria e dos males que d'aquella derivam, não existia, e hoje affirmam que todo aquelle que estuda a questão social é *socialista*, como se pudesse chamar-se medico ao que estuda uma enfermidade, não com a intenção de cural-a, mas de fazel-a duradoira. Assim é, que muitos republicanos, monarchicos, clericos, usurarios, magistrados; etc., etc., se chamam *socialistas*.

Quando alguem se lhe affirmar *socialista*, pergunte-lhe logo se quer abolir a propriedade individual e se quer apropriar os senhores de tudo quanto possuem para ser posto em *commum*. Se lhe responder affirmativamente, abraçe-o como um irmão; no caso contrario, não o perca de vista, pois tem que lutar com um inimigo.

José.—Visto isso, és *socialista*; comprehendo. Explica-me agora, que quer dizer *communista* e *collectivista*?

Jorge.—Tanto os *communistas*, como os *collectivistas*, são *socialistas*; teem, porém, opinião differente sobre o que deverá fazer-se quando a propriedade fôr posta em *commum*.

Os *collectivistas* dizem que cada trabalhador, ou antes, cada associação de trabalhadores, tem direito á materia prima e aos instrumentos de trabalho, e que cada um deve ser dono do producto integral do seu labor, podendo dispor d'elle como melhor lhe pareça durante a sua existencia, menos para fazer trabalhar outros por sua conta, e devendo, uma vez fallecido, se alguma coisa deixou accumulada, voltar esta para a comunidade.

Os seus filhos, como é natural, teem direito aos meios de trabalho e ao gozo do fructo dos seus esforços; deixal-os herdeiros seria o primeiro passo para regressar á desigualdade e ao privilegio. Só o que se refere á educação e á instrucção das creanças, ao cuidado pelos velhos e invalidos e ao conjuncto de serviços publicos, de interesse commum, poderá ter recompensa na pessoa dos que d'isso se encarregam, pela contribuição das associações de trabalho.

Os *communistas* dizem: visto que para tudo caminhar bem, é necessario que os homens se amem e se considerem como membros d'uma mesma familia; visto que o trabalho para ser mais productivo e poder servir-se do machinismo, deve ser executado por grandes collectividades obreiras; visto que para se aproveitarem todas as variedades do solo e condições atmosphericas, fazendo com que cada paiz produza o que melhor possa, e para evitar, por outro lado, a concorrência, os odios entre os diversos paizes, e a emigração para as regiões mais ricas, é preciso estabelecer uma solidariedade perfeita entre todos os homens, e sendo extremamente intrincado o problema da valorisação dos productos, façamos o seguinte: em vez de nos preocuparmos com o que produziste tu e com o que produzi eu, trabalhemos em commum. Assim, *cada um dará á sociedade tudo o que as suas forças physicas e intellectuaes lhe permittam, até que haja sufficiente quantidade de productos correspondente ás exigencias de todos; cada um tomará para si aquillo de que tiver necessidade, limitando-se, como facilmente se comprehende, no consumo dos productos cuja abundancia não tenha attingido ainda o grau desejado.*

José.—Devagar; antes de mais nada deves explicar-me o que significa a palavra *solidariedade*, porque a fallar-te com franqueza, não comprehendo essa frase em que se falla d'uma solidariedade perfeita que deve existir entre os homens.

Jorge.—Perfeitamente; na sua familia, por exemplo, tudo o que um, ^{co} ganha, bem como seus irmãos, sua mulher e seus filhos é posto em commum; fazem o caldo e todos comem da mesma panella; se não chega para todos diminuem as rações. Se um de um, ^{cos} tem uma fortuna, ou consegue ganhar algum dinheiro mais, representa isso um beneficio para todos; se pelo contrario alguém fica sem trabalho, come da mesma fôrma á mesa commum, e o que cabe de cama occasiona maiores despezas. D'esta maneira, no seio da sua familia, longe de se disputarem o trabalho e o pão uns aos outros, procuram ajudar-se pela razão bem simples de que

o bem e o mal de um affecta igualmente a todos. Com tal procedimento se afastam o odio e a inveja, desenvolvendo-se o affecto reciproco que não pode existir n'uma familia cujos interesses estejam divididos. A isto se chama *solidariedade*.

E' necessario estabelecer entre os homens, as mesmas relações que existem n'uma familia, cujos membros se amam com effusão.

José.—Compreendo. Mas, voltemos á questão anterior; dizê, é*s communista* ou *collectivista*?

Jorge.—Sou *communista*, porque devendo ser todos amigos não me agradam restricções. Mas existem ainda outros motivos: suppondo que cada um possa viver com o producto do seu trabalho, o *collectivismo* seria sempre inferior ao *communismo*, porque manteria os homens no isolamento, diminuindo assim a sua força e a sua effectividade. Mas como o sapateiro e o ferreiro, por exemplo, não podem comer aquillo que produzem; como o agricultor não pode cultivar a terra sem o auxilio d'outros operarios que lhe fabriquem os instrumentos para o conseguir; e assim successivamente, seria necessario organizar a troca entre os diversos productores tendo em conta o que cada um poderia fazer; poderia succeder que o sapateiro, por exemplo, procurando augmentar o ramo da sua obra tratasse de obter a maior quantidade de productos a troco d'um par de sapatos, esforçando-se o camponez par dar-lhe o menos que podesse. Quem diabo poderia regular tudo isso? O *collectivismo*, na minha opinião, dá logar a questões muito difficil de resolver. Com a existencia d'este systema tudo se complicaria immediatamente e talvez que o seu funcionamento demorado facilitasse uma lamentavel regressão ao estado anterior, porque os homens manterão lucta mutua emquanto o interesse não determinar o contrario.

O *communismo* inversamente, acaba com todas as difficuldades: todos trabalham e todos consomem o trabalho commum. Tratar-se-ha, unicamente, com bastante cuidado, de ver quaes são as coisas de maior necessidade, para que se procure tornar abundante a sua producção.

José.—De forma que n'uma sociedade *communista* não ha necessidade da moeda?

Jorge.—Nem moeda, nem coisa parecida que a substitua. Basta um registro para os objectos e productos pedidos á communidade, com o fim de estabelecer o equilibrio entre a producção e o consumo.

A unica difficuldade grave resultaria do facto de se recu-

sarem ao trabalho muitos individuos; mas, após a revolução contra os que nada produzem, a moral deve necessariamente produzir qualquer coisa util; os zangões da colmeia social e todos os que a exploram, são os inimigos que tratamos de destruir. Além d'isso, quando o homem descansa, accumula forças e actividade que depois necessita empregar n'alguma coisa; d'esta maneira, a não ser motivos de doença ou impossibilidade de qualquer natureza, não haverá quem se recuse a trabalhar na sociedade futura, porque o homem, precisando gastar as forças accumuladas, empregas-ha n'aquillo que mais lhe apraza, e o que é util agrada a todos. Ha hoje muita gente que detesta o trabalho pelo escasso lucro que d'isso lhe advem, porque é degradante e porque se executa em pessimas condições, preferindo jogar, enganar, roubar ou embebedar-se para illudir a certeza de que essas bellas coisas de que fallamos não podem realizar-se, pela organização social em que vivemos; todos esses males, porém, desapparecem com a revolução social, visto que se aniquilla a sua causa geradora. Ainda que pelos vicios entranhados no povo, sob a influencia da educação burgueza, ficassem alguns individuos com o habito do trabalho completamente perdido, a sociedade procuraria cural-os por meio do amor e da instrução, de fórma a tornal-os uteis, pois que taes individuos nada mais são do que simples doentes, moral e materialmente fallando; comtudo nunca seriam tão pesados á sociedade, como os homens uteis e vigorosos que se empregassem na policia, no exercito, no governo e no clero para dirigirem aquelles que trabalham.

O que a sociedade futura de fórma alguma permittirá é que alguem se levante com a intenção de governar, pois que isso seria um vergonhoso e terrivel retrocesso: os que isso tentassem seriam aniquillados tal qual vae sel-o a burguezia, apezar de todos os seus exercitos e capitães.

José.— Fico tambem comprehendendo o que acabas de dizer. E *anarquia*, que é?

Jorge.— *Anarquia* quer dizer, simplesmente, *sociedade sem governo*, e não sem ordem, como a definem os burguezes. Não é a desordem, a confusão, o caos; é a verdadeira ordem natural. Em a natureza tudo é livre, tudo se desenvolve sem governo, e tudo n'ella é harmonico. Todos as leis que os homens tentem estabelecer contra a natureza, estão fatalmente condemnadas a desapparecer, e aquellas que se adaptam, n'un systema, á ordem natural, são superfluas porque já existem, cumpre-as a humanidade a despeito de todos os obstaculos.

D'est'arte, em vez de nomear deputados e vereadores que nos ditam as leis, ás quaes nos devamos submeter, trataremos nós mesmos dos nossos assumptos e da sua realisação pratica, immediatamente, sem esperar a sanção de nenhum governo ou maoria.

Como depois da Revolução social, a somma do que existe sobre este planeta é propriedade de todos os que o habitam, tudo quanto seja produzir e melhorar as condições da existencia, reverte em beneficio de todos; tudo o que se considera n'este sentido tem a anticipada aprovação de toda a gente e a ninguem se pedirá parecer, haja o que houver a tratar.

Se o facto implica uma questão d'estudo, os iniciadores se encarregarão de o estudar bem, junto com todos os que desejem estudal o, e uma vez comprehendido, a sua pratica surgirá do concurso de todos os que queiram ajudar. Isto é *libertarismo*. Mas se tivesse de explicar-lhe detidamente o que esta palavra significa, acerca de tal assumpto haveria de fallar-lhe tanto ou mais do que até aqui.

Para outra vez, porém, fallaremos a esse respeito.

José.— Estou conforme. Ainda assim desejaria que me explicassem mais alguma coisa, pois que me parece ter sobre mim um peso enorme que impede de me afastar de ti, emquanto me não esclareças tudo. Dize-me, como poderia eu occupar-me, sendo um pobre ignorante, d'isso a que chamam politica e das coisas que dizem respeito aos ministros e deputados?

Jorge.— E que fazem de bom os ministros e deputados, para que esteja a lamentar-se de o não poder aprender? Ditam leis e organisam a força publica para terem o povo sujeito ao dominio dos proprietarios; e é tudo. T-l sciencia só serve para opprimir o povo: e sendo assim não precisamos d'ella para nada.

E' verdade que esses senhores se occupam uma ou outra vez de coisas boas e uteis, mas só o fazem com o sentido de as tornarem proveitosas a uma classe e para suster a marcha do progresso com regulamentos inuteis e vexatorios. Fallam, por exemplo, de caminhos de ferro, mas ao tratarse da sua construcção e direcção, elles e juntamente os accionistas não servem para nada; bastam os engenheiros, os machinistas, os operarios e empregados de todas as cathgorias, que existirão sempre, ainda quando ministros, deputados e outros parasitas tenham desaparecido.

Assim acontecerá com os correios e telegraphos, navegação, instrucção publica, hospitaes e tudo o que depende do

trabalho de diferentes operarios, e que o governo só trata de desorganisar e explorar.

Com effeito, a politica, como a comprehende e põe em pratica a gente governamental, é para nós uma arte difficil, porque se occupa unicamente de coisas que nada teem que ver com os interesses reaes da população, mas sim com os seus fins mentirosos e dominadores. Se, pelo contrario, se tratasse de satisfazer, da melhor maneira possivel, as necessidades do povo, então a coisa seria mais difficil para elles do que para nós.

Imagina talvez que os deputados que estão na capital, alguma coisa sabem do que constitue a necessidade de todas as outras povoações do paiz?

Como quer que essa gente, perdido o seu tempo a estudar inutilidades, possa comprehender a necessidade dos officios? As coisas marchariam melhor se cada qual se occupasse d'aquillo que sabe, que sente e que vê.

Feita a revolução, é preciso começar de baixo para cima. O povo acha-se dividido em communas e n'estas ha varios officios; os trabalhadores d'estes officios estão escravizados pelos proprietarios que teem no governo um decidido auxilio, mas n'um momento, por effeito do enthusiasmo e impulso da propaganda, todas estas communas de escravos se constituirão em agrupações livres, baseadas na lei natural das affinidades, para continuarem a producção em commun. Agora diga-me, quem melhor do que vm.^{ca} conhece a technica do seu officio?

Para as relações de varias profissões, como não ha interesses desencontrados, aquelle que primeiro sentir a necessidade d'uma coisa procurará satisfazê-la juntamente com aquelles que sentem a mesma necessidade e desejam remedial-a; esta é a affinidade que presidirá a todas as relações.

Para as permutas de productos com outros paizes, basta saber onde abunda aquillo de que necessitamos e onde falta aquillo que nos sobra.

José.— Mas se n'um paiz ou n'uma associação as opiniões se dividem, como se ha de arranjar isso? Deverá triumphar a maioria, não é verdade?

Jorge.— Não, só a verdade deve triumphar, e a verdade, sob todos os aspectos, é absoluta, unica. Quando ha duas opiniões diferentes sobre a mesma coisa, tanto pôde afastar-se na verdade a opinião da maioria como a da minoria, ou ambas ao mesmo tempo, e o mais sensato é que as duas sejam postas em acção, pois que a pratica demonstrará a razão de ser d'uma ou d'outra. Convem não esquecer que

todas as descobertas da sciencia e todos os progressos humanos se manifestam em minorias, e é necessario abrir campo ao progresso, porque em uma sociedade comunista-libertaria todo o progresso redundaria em beneficio geral. Por desconhecer isto, a humanidade luctou sempre contra o progresso, até que a verdade, a despeito de quantos a combatiam por desconhecerem-a, e se oppunham á sua triumphante marcha, abriu caminho pela sua força, mas só após luctas sangrentas em que os homens mutuamente se exterminavam. Fazendo cada agrupação aquillo que as suas aptidões lhe apontam, raras vezes surgirão divergencias de opinião sobre qualquer objecto. Diga-me, José, não se riria a bandeiras despregadas se chamassem todos os camponeses para ser posta á votação a epocha em que ha de ser semeado o grão, e que já está consagrada pela experiencia? E se a maioria se resolvesse a fazel-o em estação improductiva, tratando da póda na epocha da vindima, haviamos de aceitar tão collossal dislate só porque assim o entendeu a maioria?

Pois de identica forma acontecerá com todos os assumptos geraes ou particulares.

José.— Mas, se houvesse alguém que, por um capricho qualquer, tentasse oppor-se a uma deliberação tomada em beneficio de todos?

Jorge.— N'esse caso seria necessario recorrer á força, porque se não é justo que a maioria opprima a minoria, o contrario não o é menos, e como as minorias teem o direito da insurreição, as maiorias teem o da defeza, e, se o termo o não choca, o da repressão.

Não esqueça ainda, por isso, que todos os homens em qualquer parte que se encontrem, tendo o direito imprescriptivel á materia prima e aos instrumentos de trabalho, podem separar-se uns dos outros ficando livres e independentes. E' certo, não ser esta uma solução satisfatoria, porque d'este modo os dissidentes ficariam privados de muitas vantagens sociaes que o individuo isolado ou o grupo não podem conseguir, pois necessitam o concurso de toda uma grande collectividade... Os proprios dissidentes não permitiriam que a vontade de muitos fosse sacrificada á vontade de poucos.

Convença-se d'isto: fóra do solidariedade, longe do amor e dos cuidados mutuos, não ha senão guerra e tyrannia; porém, nada receie, porque quando os homens comprehendem que estas duas pragas a todos prejudicam, procurarão o salvaterio na solidariedade, garantia unica da realisação

dos nossos ideaes, symbolos de paz, bem-estar e liberdade universal.

Note que o processo, se por um lado tende a tornar os homens solidarios, por outro fal-os mais independentes e incapazes de per si mesmos se servirem.

Por exemplo: hoje para viajar, rapidamente por terra, precisamos recorrer aos caminhos de ferro que para serem construidos e utilizados, demandam o concurso d'um grande numero de pessoas: da mesma maneira, na sociedade nova cada qual será obrigado a submeter-se ao plano traçado pelo progresso, ao horario e outras regras estabelecidas pela experiencia, para evitar collisões nas vias.

Se amanhã se inventasse uma locomotiva que um só homem podesse conduzir, sem perigo algum, por qualquer via, não haveria n'este caso necessidade do parecer alheio, e cada um poderia viajar por onde quizesse e á hora que mais lhe agradasse.

Assim acontecerá com milhares de coisas varias, impossiveis de realizar actualmente, e que o futuro porá em pratica, pois podemos afirmar que a tendencia do progresso oria um genero de relações entre os homens definidas n'esta formula: *solidariedade moral e independencia material*.

José.—Está muito bem. És então *socialista* e além d'isso *comunista libertario*. Porque te declaras tambem *internacionalista*?

Jorge.—Os socialistas denominaram-se *internacionalistas*, porque a primeira manifestação pratica do socialismo moderno foi a *Associação Internacional dos Trabalhadores*, que por abreviação chamaram a *Internacional*. Esta associação surgiu em 1864, com o fim de unir os trabalhadores de todas as nações na lucta pela emancipação economica. Tinha ao principio um programma pouco determinado, mas d'elle surgiu a divisão em varias fracções, das quaes a mais avançada chegou a formular e propagar os principios do *comunismo-libertario*, que procurei desenvolver-lhe.

Hoje esta associação não existe; primeiro porque contra os seus defensores se exerceu uma perseguição de morte, e em segundo lugar pelas discordias intestinas e pelas varias opiniões que em seu seio abriram conflicto. Mas d'ella nasceram os partidos socialistas dos diferentes paizes, os *comunistas-libertarios internacionalistas* e *revolucionarios*, em summa o grande movimento operario que hoje agita o mundo inteiro.

Os *comunistas-libertarios* propõem-se fazer a propaganda dos seus principios, luctando por elles até conseguir

o seu completo triumpho; provam aos trabalhadores que elles nada tem a esperar dos patrões nem do governo e que as reformas graduaes e pacificas só servem para perpetuar nossos males; tratam de esclarecer entre os povos, a consciencia dos seus direitos e de os animar para a revolução social, isto é, demonstrar-lhes a urgencia de se destruir quanto antes a iniqua organisação social actual, pondo em commum toda a riqueza existente.

Todo aquelle que acceitar estes principios é *comunista-libertario*. Não tendo chefes nem auctoridade alguma, os communistas-libertarios affirmam que cada qual é livre de se unir a quem julga conveniente para a propaganda das suas ideis, e de empregar os meios que acha opportunos para conseguir o seu triumpho.

José.—Todos os individuos que acceitam os principios communistas-libertarios formam um partido?

Jorge.—Não, porque um partido tem necessidade de chefes e regulamentos onde a acção é determinada, e como isso implicaria um attentado á liberdade individual, as ideias é que perdiam. Os communistas-libertarios agruparam-se por affinidades a cada grupo faz o que julga conveniente para a propaganda; d'este modo entram todos em acção e d'esta variedade de procedimentos em favor da mesma causa, resulta um conjuncto harmonico parallelamente a uma força compacta e resistente que nenhum governo é capaz de aniquilar; se procurasse o centro d'essa organisação com o fim de a destruir, não conseguiria achal-o em parte alguma visto que em todas se encontra.

Além do processo d'estes grupos afins, muitas coisas podem realisar-se pela iniciativa individual.

De qualquer modo, consideramos como amigos e companheiros, todos os que, por qualquer meio, combatem pelas mesmas ideias que defendemos.

Alguns haverá convencidos da verdade de nossas ideias e sem embargo nada fazendo pela propaganda do que julgam conveniente. A estes não podemos negar o titulo de libertarios-communistas doutrinarios, visto que pensam como nós, mas é certo que a sua consciencia e o seu animo se deliquescem na fraqueza e na cobardia.

Como é possivel quedar-se tranquillo o individuo que tem um pouco de coração e julga conhecer o remedio pr'os terribes males que o affligem, bem como aos seus semelhantes?

Aquelle que desconhece a verdade não é culpado, mas

fica-o sendo quando a conhece e procede como os que nada vêem.

José.—Tens razão, e apenas haja reflectido um pouco sobre tudo o que acabas de dizer-me, e uma vez bem persuadido, quero formar um grupo e propagar essas verdades. Se depois os senhores me chamarem bandido e malfeitor, dir-lhes-hei que venham trabalhar e soffrer como eu, para que tenham o direito de fallar.

FIM

Defeza de Angiolillo

(Perante o tribunal de Vergara)

São inuteis todos os esforços que os governos fazem para afogar a vóz dos adeptos da anarquia.

Por mais mordaças que ponham na imprensa, por mais vigilancia que exerçam sobre os seus homens, ela sempre ha de chegar até ao povo, como eco de justificação dos actos rebeldes e das palavras revoltadas dos que vão morrendo, por servir um ideal e por contribuir para a redenção da especie humana.

No seio do tribunal que condemnou á morte Angiolillo, encontrou eco a sua rebeldia; e esse eco foi transmitido á imprensa franceza, antes que o governo espanhol tivesse conhecimento da sua existencia.

Eis a defeza pronunciada por um homem de intelligencia pouco vulgar, ultimas vibrações dum espirito cheio de justiça e de amor.

Senhores:

«Primeiro que tudo, devo repetir aqui, o que disse já ao juiz instrutor: — não tenho cúmplices. Procurarias inutilmente o ser humano ao qual eu tenho confiado o meu projecto. Não disse a ninguem uma palavra ácerca d'ele.

Só, completamente só, concebi e preparei a execução de Canovas.

Senhores, não vos encontraes perante um assassino, mas sim perante um justiceiro.

Desde ha já alguns anos, sigo com interesse os acontecimentos na Europa. Tenho estudado a situação da Espanha e das varias nações visinhas, taes como: Portugal, França, Italia, Suissa, Belgica e Inglaterra. As minhas occupações e as minhas sympathias, teem sido sempre levadas para entre a classe laboriosa e pobre, destas regiões. Em toda a parte eu tenho encontrado o espectáculo doloroso da miseria. Em toda a parte eu tenho ouvido as mesmas queixas, tenho visto derramar as mesmas lagrimas, surgir as mesmas rebeldias e formular as mesmas aspirações.

Em toda a parte, tambem, tenho encontrado entre os ricos e os governantes, a mesma dureza de coração e o mesmo desprezo pela vida humana.

Estas observações generalisadas, teem-me levado a odiar as iniquidades que pezam sobre as sociedades humanas, das quaes elas mesmo, são a base.

Na minha vida de rebelde, tenho-me encontrado com homens energicos, prendados do sentimento de justiça e amantes do ideal. Estes seres aos quaes indigna a injustiça e que aspiram alcançar um mundo de bem-estar e harmonia, são os anarquistas; e por isso eu simpatizo com eles e amo-os como irmãos. Da suspeição passei á certeza — ao mesmo tempo que o mundo humano se horrorisava — de que neste paiz, em Espanha, terra classica da inquisição, existia por isso, a raça dos torturadores. Soube que centenas de seres humanos, desde o momento tristemente celebre do seu encerramento numa fortaleza, sofriam toda a especie de torturas. Soube que se pozeram em vigor contra eles, com o refinamento despotico que trae o progresso moderno, todos os processos de que se valiam os verdugos da idade media. Soube por ultimo, que cinco desses homens foram assassinados e que setenta foram condemnados a penas severas, desterrando os restantes — to-

dos innocentes — porque todos esses seres eram anarquistas ou considerados como taes.

Então, senhores, pensei que taes atrocidades não ficariam impunes e procurei os responsaveis. Por cima vi os agentes que executaram o papel de verdugos, os officiaes que fizeram de juizes com todos os outros que executaram as ordens recebidas e finalmente vi quem as dava.

Senti no fundo do meu coração, um invencivel odio contra o homem de Estado que governava pelo terror e pela tortura; contra o ministro que enviava ao matadouro milhares e milhares de jovens soldados; contra o potentado que reduzia a miseria a nação espanhola, sobrecarregando-a de contribuições e impostos, nação que podia ser prospera tendo um territorio tão fertil e rico; contra o herdeiro dos Caligula e Nero, successor de Torquemada, emulo de Stambulof e de Abdul-Amid; contra o monstro que estou contente e orgulhoso de ter feito desaparecer, e que se chamava Canovas del Castillo.

E' por ventura uma má acção, matar um tigre sanguinario, cujas garras despedaçam o peito e cujas mandibulas amachucam craneos humanos? E' um crime esborrachar reptis venenosos?

Quanto a morticínio, ele só, fez mais victimas que cem tigres e mais que mil reptis. Ele personificava em si, o que ha de mais horroroso na ferocidade religiosa, na crueldade militar, na implacavel magistratura, na tirania do poder e na desenfreada exploração das classes privilegiadas:

Eu livreí dele a Espanha, a Europa e o mundo inteiro. Eis aqui porque não sou um assassino, mas sim um justiceiro.

E agora senhores, que vos dei a conhecer as causas que me impulsionaram a cometer o acto de que se está tratando, resta-me indicar-vos as consequencias provaveis desse acto, sobre o ponto de vista espanhol em particular.....

Ao chegar aqui, o presidente do tribunal que inutilmente tinha tentado fazer calar o bravo e inteli-

gente Angiolillo, retirou-lhe a palavra, dizendo estar acabada a defeza. . . Um instante depois, o conselho de guerra pronunciava a sentença de morte. Angiolillo escutou-a sem a mais leve alteração, pois já a esperava. Não quiz apelar, e dois dias depois a rainha regente assinava-a. Foi posto na capela a 19 de agosto e garrotado em 20

Manteve-se sereno até ao ultimo momento. Na capela onde recusou receber a religião, farto da estupidez de frades e jesuitas, replicou-lhes desprezadamente: «já que não tendes poder para libertar-me deixai-me tranquillo. Eu regularrei directamente as minhas contas com deus.»

Apezar das grilhetas que trazia nos pes e das algemas nas mãos, subio com firmeza e sem ajuda de ninguem, os 27 degraus da escada do patibulo, sereno e soridente. Uma vez na plataforma do patibulo, de cuja altura contemplava o povo que se encontrava por de traz dos muros do carcere, pediu que lhe deixassem pronunciar uma só palavra, o que lhe foi concedido, e com vóz firme pronunciou a bella e filosofica palavra: **Germinal.**

Dirigindo-se ele mesmo ao fatidico banco, o verdugo, esse ser desprezível que vive de matar os seus semelhantes, truncou a vida do bravo, do intelligente e do abnegado Miguel Angiolillo.

O seu corpo foi sepultado debaixo da terra, porém o seu ideal, oh! o seu ideal, germina e germinará com grande força e exuberancia.

livros que recommendamos a sua leitura

Em volta d'uma vida.....	700 réis
O Trabalho.....	700 »
Os anarquistas (dois volumes).....	400 »
O Germinal (dois volumes).....	400 »
A Sociedade Moribunda.....	300 »
Verdade.....	1000 »
As doutrinas anarquistas.....	300 »
Espirito revolucionario.....	50 »
Formas e essencias do socialismo.....	300 »
A Dôr Universal.....	300 »
A caminho da sociedade nova.....	300 »
A conquista do Pão.....	300 »
Como não ser anarquista?.....	30 »
Amor e Liberdade.....	240 »
A questão social.....	50 »
Anarquia.....	120 »
Theoria revolucionaria.....	30 »
Socialista-anarquista-revolucionario.....	50 »
A mulher e o militarismo.....	40 »
O governo revolucionario.....	20 »
A greve geral.....	50 »
Revoltados.....	100 »
A caminho da revolta.....	100 »
Crenças e revoltas.....	500 »
A razão d'um padre.....	500 »
Mentiras religiosas.....	300 »
A religião da morte.....	200 »
O Atheismo.....	600 »
Sciencia e religião.....	500 »
O Infanticidio.....	150 »
A reacção em Portugal.....	60 »
O Christianismo e a razão.....	30 »
Monarchia jesuitica.....	300 »
Christo nunca existiu.....	100 »
Aos Camponeses.....	20 »

ESTAS OBRAS VENDEM-SE NO KIOSQUE ELEGANTE — RÓCIO

E NA LIVRARIA PORTUGUEZA

60 TRAVESSA DE S. DOMINGOS, 60

Os pedidos acompanhados das importancias são satisfeitos na volta do correio sendo dirigidos ao secretario da Bibliotheca, Antonio Ernesto Dias da Silva, Rua Saraiva de Carvalho, 296, 1.º—LISBOA.